

BIBLIOMONDO A

As mil e uma noites de

Afonso Cruz

Onãjaki

Prémio Saramago 2013

Jerónimo Pizarro

e as viagens de Fernando Pessoa

Vivo dessas-
sossegado,
escrevo para
dessos-
segar.

José Saramago

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS


Segunda a Sexta
Monday to Friday
10 às 18 horas
10 am to 6 pm

Sábado
Saturday
10 às 14 horas
10 am to 2 pm


COMO CHEGAR
GETTING HERE
Metro Subway
Terreiro do Paço
(Linha azul
Blue Line)
Autocarros Buses
25E, 206, 210,
711, 728, 735, 746,
759, 774,
781, 782, 783, 794


ONDE ESTAMOS
WHERE TO FIND US
Rua dos Bacalhoiros, Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org

● centenário de um monumento

No dia 14 de novembro de 1913, Marcel Proust viu o primeiro dos sete volumes de *Em Busca do Tempo Perdido*, *Do Lado de Swann*, chegar à forma de livro. O autor pagou a edição com o seu próprio dinheiro, depois de ter recebido uma resposta negativa à proposta de publicação da obra na prestigiada editora Gallimard. Mais tarde, a editora Grasset haveria de publicar a obra, tornando-se a casa de uma das mais fundamentais peças literárias do século XX, e André Gide, na altura consultor editorial da Gallimard, ficaria para sempre associado a uma das anedotas do mundo editorial europeu depois dessa recusa em publicar o livro de Marcel Proust.

No centenário de *Em Busca do Tempo Perdido*, o diário *El País* publicou um dossier sobre o autor e a sua obra. Félix de Azúa assina o texto de abertura, contextualizando a vida e o trabalho de Proust no seu tempo e apontando algumas leituras que explicam a integração dos sete volumes no cânone da literatura universal: «Leer *la Recherche* no es solo introducirse en un universo de ficción extremadamente inteligente, es también aprender a reflexionar sobre nuestros vicios y virtudes, modos de amar, creencias falsas, esclavitudes, holgazanerías, o verdades hipócritas. Es una auténtica enciclopedia de la humanidad moderna, de su gloria y de su estupidez.» A este texto juntam-se artigos de Miguel Mora, Colm Tóibín e Winston Manrique.

Proust ►

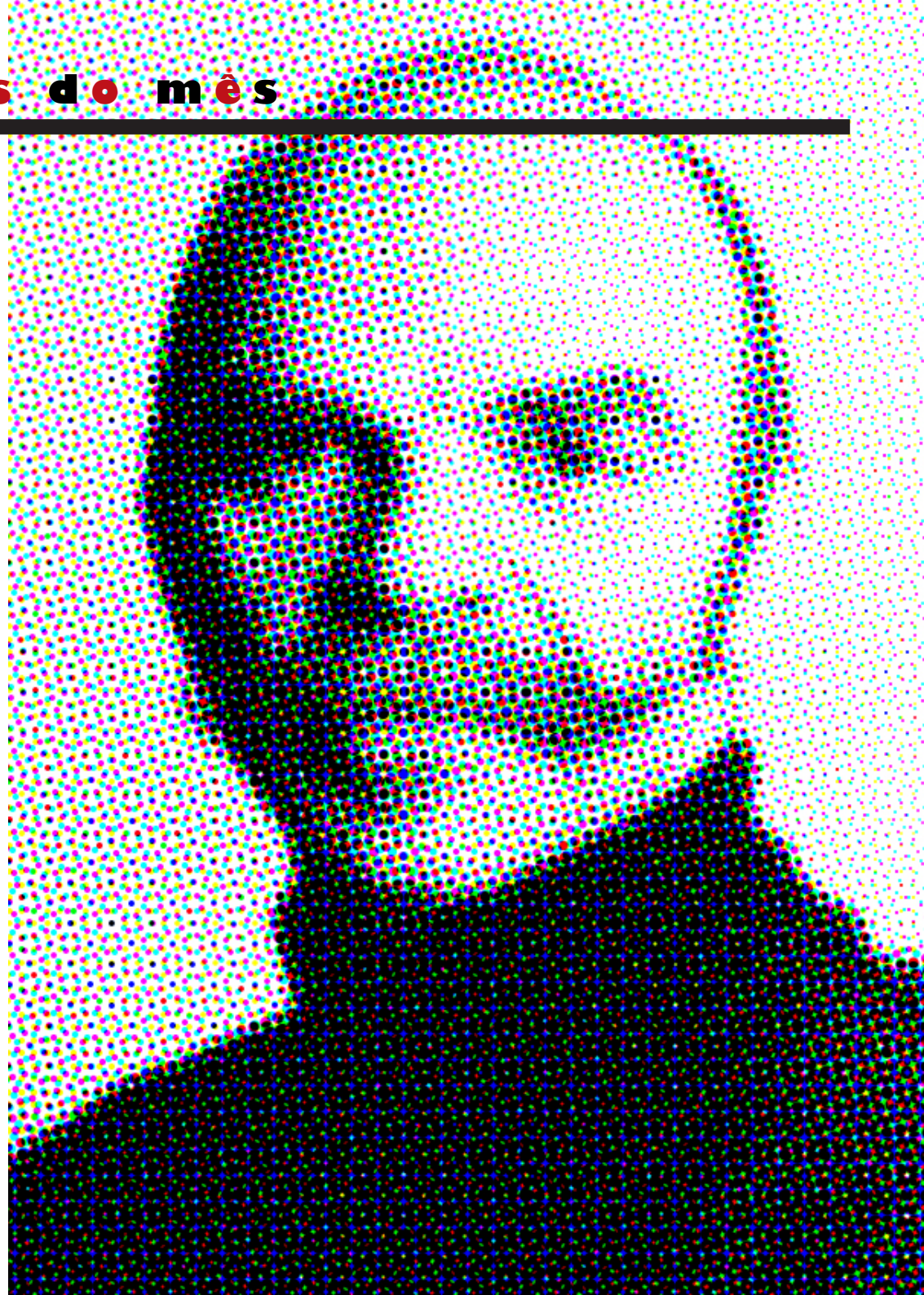


Matéria de vida

No diário colombiano *El Espectador*, Santiago Gamboa assinou recentemente uma crônica dedicada à leitura de um romance do escritor argentino Martín Caparrós, *Comí* (Anagrama). O livro tem como personagem principal um crítico gastronômico que se vê confrontado com a necessidade de se submeter a uma colonoscopia preventiva e a narrativa constrói-se a partir de uma reflexão sobre a fragilidade da vida, tema que Gamboa explora no seu texto tendo em conta o ambiente e os interesses da personagem. Quem tenha lido o livro reconhecerá a justeza da reflexão, supõe-se, e quem não tenha tido essa oportunidade ficará com a vontade aguçada. Um excerto:

«La novela reflexiona sobre la vida y la posibilidad de perderla, y lo hace desde el miedo, que es una de las más activas escuelas de pensamiento. Allí están la vida, el placer, el gusto, y sus contrarios: el dolor, el asco, la muerte. Un verdadero menú gourmet para la filosofía más elemental, para una teleología del propio cuerpo y su inevitable destino, que no es otro que el de confundirse, in extremis, con algo muy parecido a esa misma materia que cotidianamente expulsa de su *hortus conclusus*.»

Caparrós ►



Contar a guerra na Síria

Numa altura em que a imprensa reduz ao mínimo os seus recursos, cortando custos e levando o essencial pelo caminho, é gratificante acompanhar o trabalho que alguns jornalistas vão fazendo apesar de todas as dificuldades. No *Público*, a jornalista Sofia Lorena tem acompanhado a guerra na Síria, assinando reportagens que não só elucidam o leitor sobre o que se passa no terreno, contextualizando, ouvindo diferentes vozes e elencando factos essenciais para se perceber a situação, mas que são igualmente textos onde o papel do jornalista não é reduzido àquele mínimo de descrição factual, ilusório enquanto salvaguarda ética e normalmente usado como justificação para cada vez menos espaço para textos longos na imprensa. Nestes textos há espaço para os factos e para as interrogações, para as histórias de gente comum apanhada pela guerra e para as declarações de ambos os lados do conflito, para o essencial do discurso jornalístico e para uma narrativa que oferece uma leitura para lá do factual, sem com isso perder idoneidade. Há, sobretudo, espaço para afastar a tentação do maniqueísmo e convocar o pensamento como gesto essencial para ler o mundo e tentar percebê-lo, tudo coisas que resgatam alguma da esperança perdida nestes últimos anos em que se assumiu que o jornalismo estava em crise sem nunca se definir se a crise era do jornalismo propriamente dito ou do modo como as notícias se difundem e vendem, com todas as contingências que nesse processo intervêm. Algumas das reportagens de Sofia Lorena na Síria podem ser lidas a partir deste link.

Síria ►

A censura na primeira pessoa

Os métodos da censura no Brasil, durante a ditadura militar, assim como os métodos da censura em quase todos os países que a praticaram e praticam, são conhecidos. Tornam-se mais conhecidos e transparentes quando as ditaduras acabam, porque o trabalho de historiadores, sociólogos, jornalistas e divulgadores permitem iluminar pormenores antes desconhecidos, mesmo que já tenham passado muitos anos sobre o fim dos regimes. Na *Folha de São Paulo*, um artigo de Fernanda Odilla e Natuza Nery traz novos dados sobre a censura brasileira, contando para isso com declarações de algumas das suas protagonistas, neste caso cinco mulheres que trabalhavam como censoras e que tinham como preocupação quotidiana eliminar cenas ou referências sexuais consideradas mais ousadas, bem como palavrões e outro tipo de linguagem considerada imprópria pelo regime, de todos os documentos que lhes passavam pelas mãos. Como é apanágio dos regimes ditatoriais, tudo era escrutinado, porque tudo oferecia espaço e possibilidades para a «subversão»: «Os censores não escolhiam o que analisar, apenas recebiam uma escala de trabalho que poderia ter um filme de Sydney Pollack pela manhã, uma letra da Legião Urbana à tarde e, para terminar o expediente, um nem tão inocente assim filminho para crianças. «Tinha que assistir de tudo e com muita atenção. Até desenho animado tinha cena de sexo», conta a ex-censora Maria das Dores Oliveira Freire, 62.» Quem já nasceu em democracia tenderá a desvalorizar testemunhos como estes, por parecerem tão improváveis no mundo em que vivemos hoje, mas por isso mesmo eles são importantes. Sem a memória de gestos passados é difícil equacionar como podemos confrontar esses mesmos gestos se eles reaparecerem, como tantas vezes acontece na História.

Brasil ►

Guilherme Ivens Ferraz

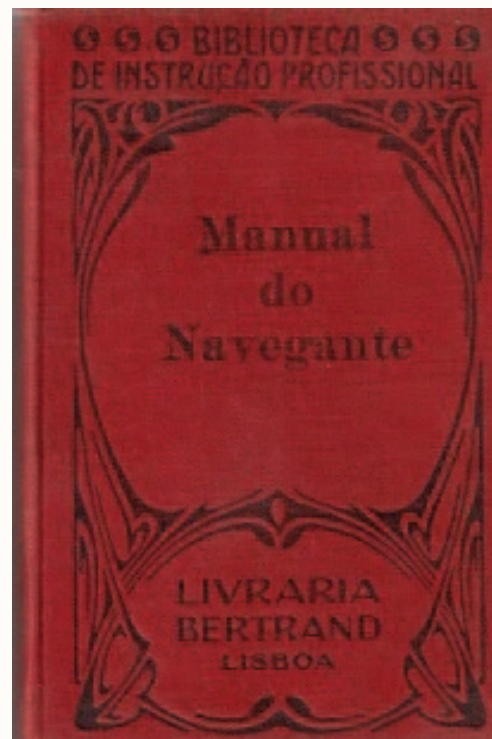
Manual do Navegante

Livraria Bertrand, Lisboa, 1950 (4ª edição)

Comprado na Feira do Livro da Amadora (5.00 euros)

As feiras do livro têm perdido a sua importância de momentos excepcionais, em que os fundos de catálogos das editoras eram colocados à venda por um preço mais amigável das carteiras em crise, passando a ser a regra em muitos recantos das cidades maiores e marcando igualmente presença em parte das cidades de menor dimensão. As ilações que podem tirar-se deste facto são muitas e envolvem mudanças profundas no mercado editorial ao longo dos últimos anos, alguns desrespeitos pela Lei do Preço Fixo e a vontade de colocar livros cada vez mais recentes em venda direta aos leitores, de preferência com descontos que não são comportáveis pelos livreiros. As consequências também variam, das dificuldades de sobrevivência dos livreiros à desaparecimento dos fundos de catálogo da maioria das feiras do livro, mas um debate sobre esta matéria nunca poderia ser resumido numa página, mesmo que virtual, de revista.

Serve a constatação para referir a continuidade da Feira do Livro da Amadora, até há alguns anos um espaço amplo, localizado no Parque Delfim Guimarães, onde podiam encontrar-se várias editoras nacionais e onde, na última edição, os *stands* eram sobretudo ocupados por alfarabistas. Com a mudança de protagonistas, mudaram necessariamente os achados que podem fazer-se nos escaparates de cada *stand*, e foi assim que se encontrou a 4.ª edição de um *Manual do Navegante*, pertencente à coleção Biblioteca de Instrução Profissional, editado pela Livraria Bertrand e com data de 1950. Na folha de rosto, o nome do autor, Guilherme Ivens Ferraz, vice-almirante, e o subtítulo, *Regras e preceitos da lide do mar*.



os tamanhos, os ensinamentos deste livrinho são preciosos para quem quer que decida fazer-se ao mar. Da observação das nuvens à previsão meteorológica, da resolução de acidentes à compreensão dos modos de navegar em diferentes águas, passando pelo quadro, impresso a cores, das bandeiras que integram um código internacional de comunicação marítima, e que podem ser de algum préstimo se a tecnologia mais recente falhar por qualquer motivo, tudo neste manual ajuda a perceber o que implica colocar pessoas em movimento num meio tão pouco estável como é o marítimo. A tecnologia mais recente pode espantar-nos pelo seu rigor, eficiência e alcance, mas enquanto houver barcos no mar, é bom que haja quem saiba como mantê-los a funcionar em segurança no caso de tudo isso falhar.

O interesse geral desta coleção para quem não tem conhecimentos especializados ou uma dedicação bibliográfica ao tema de cada manual não está na hipótese de colocar em prática os ensinamentos que se oferecem, ainda que isso seja possível se a vontade assim o decidir, mas antes na oportunidade de perceber a organização, os gestos e as implicações de um determinado ofício ou arte. No caso do *Manual do Navegante*, o leitor contemporâneo perceberá que apesar da evolução tecnológica de toda a maquinaria envolvida no movimento de um barco de grande porte, bem como na construção de barcos de todos

GRANTA

PORTUGAL | 2

GRANTA 2: «PODER»

ASSINE COM 25% DE DESCONTO

DIRECÇÃO DE
CARLOS VAZ MARQUES

REVISTA SEMESTRAL
NOVEMBRO | MAIO



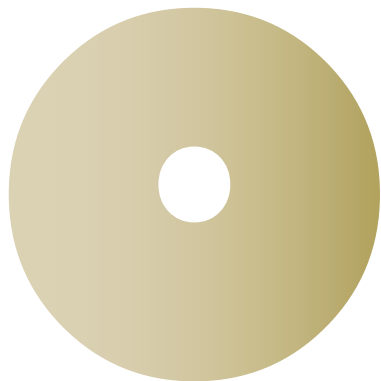
WWW.FACEBOOK.COM/GRANTAPORTUGAL

**as mil e uma
noites de**



**cruz
afonso**

Sara Figueiredo Costa
texto e fotografia



mais recente romance de Afonso Cruz guarda uma reflexão profunda sobre a humanidade e a sua capacidade de se entender por entre diferenças e conflitos vários sob um título que parece frase quotidiana ou pergunta de circunstância. *Para onde vão os guarda-chuvas* (Alfaguara) estrutura-se a partir da história de Fazal Elahi, um homem bom que vê o seu filho morrer com um tiro dos soldados americanos que ocupam o seu país (nunca nomeado). Esse acontecimento desencadeará um processo de luto onde sobressai a tentativa de encontrar uma justificação para o sucedido, uma espécie de arrumação universal que permita definir um equilíbrio de justiça e injustiça numa sucessão de causas e efeitos, mas igualmente o confronto com o que de melhor e pior podemos encontrar na natureza humana. Construída em capítulos curtos e fragmentários, cruzando histórias e personagens cujas relações se vão definindo à medida que o livro avança, *Para onde vão os guarda-chuvas* inclui também diferentes tipos de discurso, abrindo com um capítulo onde texto e imagem concorrem para a construção do significado e encerrando com um apêndice intitulado ‘Fragmentos Persas’, um livro supostamente escrito no século VII de que só terão sobrevivido certas passagens. Pouco depois do lançamento do livro, Afonso Cruz conversou com a *Blimunda* sobre o seu mais recente trabalho publicado.

O título deste livro é uma pergunta, ainda que sob a forma afirmativa. Crês ter encontrado a resposta?

Não creio que haja uma resposta. Há uma série de pessoas que acreditam ter uma resposta, e até uma solução, mas não há nenhuma resposta cabal. É daquelas perguntas que, se soubéssemos como responder, saberíamos tudo.

Um dos personagens deste livro, um dervixe que vai ter com Fazal Elahi para tentar amenizar a dor que este sente pela morte do filho, diz: «procura uma resposta, mas as respostas são perguntas mortas, são as perguntas que nos fazem mexer». Esta ideia de ser mais importante fazer perguntas do que encontrar respostas norteou a construção deste livro?

É sobretudo uma maneira de estar. E quando escrevo um livro como este, é inevitável que as perguntas se tornem maiores do que as respostas. Acabo sempre por fazer um elogio às perguntas, porque as respostas são tudo aquilo que não nos deixa sair do lugar onde já estamos, portanto, só evoluímos com as perguntas, não com as respostas. Claro, momentaneamente, as respostas fazem-nos andar, mas só como um degrau para novas perguntas.

Falemos sobre a inevitabilidade da morte, um tema importante para o enredo do livro.

Bom, a morte não é bem inevitável.

Como assim?

Pode acontecer que a gente viva para sempre. Nós temos células que são imortais, como as células cancerígenas, e nada nos garante que não seja possível vivermos indefinidamente. Por exemplo, se for encontrada uma vacina para o cancro, isso não é impossível. Claro que teremos sempre a morte accidental, porque essa não pode ser evitada – se cair um meteorito, podemos morrer todos.

Essa possibilidade agrada-te?

Não penso muito nisso. Talvez os meus filhos possam usufruir dessa hipótese... Desde os anos 50, 60, que há investigadores a falar disto. E se pensarmos que vivemos mais uns dez anos do que a geração anterior, e se imaginarmos o que a ciência pode evoluir nos próximos 50 anos, as coisas tornam-se mais possíveis.

Quase tudo o que associamos à ideia de condição humana passa pela certeza da morte. A imortalidade não nos retiraria aquilo que é essencial?

Sim, acredito que sim. O que ia acontecer era uma espécie de desaceleração moral. A partir do momento em que não temos a morte como charneira, deixamos de ter necessidade de fazer determinadas coisas. Não preciso de fazer o bem hoje, nem amanhã.

Pode ficar para daqui a um século...

Exato. O Jorge Luis Borges tem um conto sobre isso, em que ninguém ajuda as pessoas que caíram num buraco porque são imortais, logo, para quê ajudá-las hoje? Perde-se isso, claro, bem

como a maior parte das coisas que nós achamos belas e que têm a ver com a efemeridade, como os encontros e desencontros, as perdas e a sua superação.

Ficaríamos insensíveis.

Sim, pelo menos temporariamente, já que teríamos sempre a hipótese da morte accidental.

Fazal Elahi perde um filho e a dor insuportável que carrega a partir desse momento é o seu principal universo. Essa dor leva-o a colocar algumas questões sobre o que acontece, ou não acontece, depois de morrermos, questões essas que permitem ao texto refletir sobre essa questão a partir da dicotomia crentes/não crentes.

Quando se é crente, as pessoas tendem a imaginar o que acontecerá nesse momento e a partir dele.

E esse questionamento é, para ti, uma matéria sobretudo literária ou relaciona-se com uma leitura pessoal do mundo? Ou as duas coisas estão intimamente relacionadas?

Creio que estão sempre relacionadas, sim. Eu sou um ateu, acho, apesar de ter alguma dificuldade com alguns ateus.

Como assim?

Por ser uma negação, o ateísmo implica a negação de uma série de coisas que eu não acho muito lógicas. Por exemplo, se me perguntam se eu acredito em deus, tenho de saber de que deus

afonso cruz

«A partir do momento em que não temos a morte como charneira, deixamos de ter necessidade de fazer determinadas coisas. Não preciso de fazer o bem hoje, nem amanhã.»

estamos a falar antes de responder. Um deus católico é diferente de um deus maniqueísta, ou iorubá, ou islâmico. E depois há as religiões que não falam de deus, ainda que nós chamemos deus àquilo de que elas falam, como o budismo, ou o taoísmo. Portanto, quando me perguntam se acredito em deus, é-me impossível conhecer todas as definições de deus, o que torna difícil uma resposta absoluta. Erich Fromm dizia que deus era um vocábulo poético que reunia todas as virtudes.

E nessa perspetiva, já não te custa acreditar?

Já não, mas para um crente, isso não deixa de ser ateísmo. Enfim, acredito que há tantas maneiras de ver o mundo e de o explicar que por vezes caímos na tentação de resumir tudo a vocábulos e definições, mas se esquecermos a palavra deus, às tantas podemos estar a falar da mesma coisa, ou de coisas semelhantes.

Isso lembra um dos ‘Fragmentos Persas’, o livro do século que terá sido recuperado por um tal Théophile Morel e que surge como apêndice de Para onde vão os guarda-chuvas: «e para que ninguém nos compreenda, inventaremos a religião».

As religiões são sempre muito contextualizadas e historicamente serviram determinadas sociedades, não só em termos metafísicos, mas igualmente em termos legislativos, morais, etc., e portanto há coisas que têm muito a ver com a altura em que se vivia. Por exemplo, é possível que a questão da impureza do porco se deva ao facto de aqueles serem povos nómadas, e os porcos são animais seden-

tários. Os outros animais, os que podiam ser levados de um lugar para o outro, eram puros. Ou seja, há muitas prescrições religiosas que têm a ver com o tipo de vida que as pessoas tinham na altura em essas prescrições foram fixadas, mas depois são radicalizadas e acabam por se transformar em fundamentos eternos. E talvez não sejam essas coisas aquelas que deviam ter primazia, mas antes as que se relacionam com aquilo que podemos entender como uma espécie de unidade fundamental de todas as religiões, e que têm a ver com determinadas virtudes e sentimentos.

A ideia do castigo divino e da recompensa pelas boas ações, uma leitura que alguns crentes assumem na sua relação com a religião, é questionada neste livro a partir da morte do filho de Fazal Elahi – que sempre teve um comportamento moral correto mas, ainda assim, foi exposto a uma das maiores dores humanas.

Não há qualquer justiça, nesse sentido. Claro que há sempre aquele argumento teológico que diz que não compreendemos todos os caminhos divinos... Mas será que todas as pessoas que estão num avião no momento em que ele cai, ou num território que sofre um terramoto, tinham de morrer como se essa decisão dependesse de uma força divina, como se fosse um castigo? É difícil aceitar e é aí que nascem as questões de Fazal Elahi. Há uma parábola chinesa que ilustra a ideia da consequência das ações e que é muito interessante.

Podes contá-la.

Era um homem que só tinha um cavalo, e um dia o cavalo foge. Nessa altura, um vizinho aparece para lhe dar os pêsames e o homem responde ‘Talvez’. No dia seguinte o cavalo volta acompanhado de uma égua e o vizinho vai dar-lhe os parabéns, porque agora tem dois cavalos, mas o homem volta a responder ‘Talvez’. Um dia depois, o filho do homem vai tentar domar a égua e cai, partindo uma perna, o que leva o vizinho lá a casa para dar os pêsames ao pai da criança, que responde ‘Talvez’. Passado outro dia, aparece um exército a recrutar soldados para a guerra que decorria na fronteira e o filho do homem não é levado porque tinha uma perna partida, o que o impedia de combater. Claro que o vizinho regressou para lhe dar os parabéns, e o homem voltou a responder ‘Talvez’. Por outro lado, há uma história da Ásia Central que é exatamente ao contrário, ou seja, que conduz a uma coisa realmente boa e definitiva. Um sultão e um vizir estão a caçar juntos e acontecem-lhes muitas peripécias, algumas das quais já não recordo, mas o importante é que acabam por perder-se. Nessa altura, o vizir diz ao sultão que ‘deus faz tudo pelo melhor’. As peripécias continuam, com vários acidentes, e o vizir não se cansa de repetir a mesma frase, até que o sultão está a tentar cortar uma raiz para comer, corta acidentalmente um polegar. Claro que o vizir volta a dizer que ‘deus faz tudo pelo melhor’. Muito irritado, o sultão manda o vizir embora e fica sozinho, acabando por ser encontrado por um grupo de devotos de Kali, que decidem oferecê-lo em sacrifício a esta deusa. O sultão é levado, mas os devotos desistem de o sacrificar quando percebem que lhe falta um polegar, o que

faz com que o seu corpo já não seja digno de ser oferecido em sacrifício. Nessa altura, o sultão é libertado e a sua primeira reação é procurar o vizir para lhe dizer que realmente ‘deus faz tudo pelo melhor’. E é curioso, porque é como se terminássemos a história do chinês quando chega o cavalo, ou quando o exército não lhe leva o filho. É uma visão muito otimista, enquanto a da história chinesa não é otimista nem pessimista, apenas assume que uma coisa leva à coisa seguinte, indefinidamente.

Isso faz-nos pensar na questão do equilíbrio, e do desequilíbrio, das coisas que acontecem no mundo, um dos temas abordados por este romance. Num sítio há destruição, mas no outro há criação; numa casa há morte, mas na casa ao lado há um nascimento. Escreveste este livro para transmitir essa mensagem ou a ideia decorre da estrutura do livro e do desenrolar em paralelo das várias histórias que o compõem?

Não foi uma decisão prévia, mas é algo que decorre da minha forma de pensar e ver o mundo.

Mas não há uma certa intenção de provar uma tese com este livro, ou seja, de defender a ideia de que poderíamos entender-nos todos um pouco melhor se aceitássemos coisas como o decorrer inesperado de cada vida, as diferenças culturais que parecem separar-nos e essa espécie de equilíbrio universal que faz com que possamos sempre encontrar o pior e o melhor da humanidade em todos os contextos?

afonso cruz

**«a tapeçaria como
forma de explicar
o universo é antiga,
mas agrada-me pela
estrutura e pela rela-
ção com o modo como
os personagens
deste livro entendem
o mundo»**

Nesse sentido, sim. Não escreveria se não tivesse essa vertente mais filosófica como conteúdo da própria história, porque na verdade eu escrevo para atribuir narrativas, histórias, um estilo a esse tipo de pensamento e de reflexão. Não me imagino a escrever um ensaio, por exemplo, e creio que prefiro vestir as coisas de um modo lúdico, à maneira oriental. Mas sobretudo creio que não escreveria se apenas tivesse para contar uma história que fosse apenas engraçada, ou muito verosímil, ou com uma forma muito bela. Ou seja, interessa-me fazer todas essas coisas, mas a que mais me motiva a escrever é a que inclui o conteúdo mais filosófico.

A primeira parte do livro, uma narrativa ilustrada que poderia ser classificada pelas livrarias como ‘infantil’ se tivesse sido publicada isoladamente, foi pensada de raiz para integrar este romance?

Foi pensada como um outro livro, porque a minha ideia inicial era publicar três livros, um sobre a infância de Fazal Elahi, outro sobre a adolescência e outro sobre a idade adulta. Mas a partir de certa altura decidi incluir esse primeiro livro, sobre a infância, no romance, deixando cair a parte sobre a adolescência, e estou satisfeito com o resultado.

A ideia das histórias contadas de modo fragmentário, deixando o leitor em suspenso no final de um capítulo e só revelando a continuação da narrativa alguns capítulos adiante, remete imediatamente para o universo e a estrutura de As Mil e Uma Noites. Este

modo de contar uma história, a partir de fragmentos que têm de saber esperar para serem desvendados, é algo que te é caro enquanto escritor?

Sim, muito. E para mim é um modo natural de escrever, deixando os capítulos por encerrar e mantendo uma certa força dramática que não revela tudo. Creio que aquilo de que gosto é de ir tecendo as vidas das personagens à medida que a história avança, sempre a partir de uma história previamente estruturada.

Como um tapete que vai ganhando desenhos e sentidos, à semelhança dos tapetes que Fazal Elahi tece?

Exato. Na verdade, Fazal Elahi podia ter qualquer profissão, mas decidi que seria vendedor de tapetes por isso mesmo, porque me agrada a ideia da tapeçaria enquanto um cruzamento de linhas, um pouco como a nossa própria vida. Não é que seja uma metáfora original, porque a tapeçaria como forma de explicar o universo é antiga, mas agrada-me pela estrutura e pela relação com o modo como os personagens deste livro entendem o mundo.

O espaço onde decorre esta história é indefinido, ainda que haja referências que nos remetem para uma determinada geografia, algures entre o Médio Oriente e a Ásia Central. Por que é que escolheste essa área e por que é que não nomeaste um território específico?

Há referências que correspondem às necessidades da própria narrativa, ou seja, tinha de ser um lugar onde houvesse muitos

muçulmanos e onde existisse a interferência do exército norte-americano no dia a dia, para que houvesse ódio entre ambos. Não é que não exista esse ódio noutros sítios onde não há interferências de exércitos estrangeiros, mas onde há o sentimento é mais forte e a revolta é maior, independentemente de serem norte-americanos. Na verdade, basta que haja petróleo ou oleodutos a passar e esses espaços acabam sempre por ser o pano de fundo destes jogos geopolíticos onde quem sofre não costumam ser os poderosos... Portanto, teria de ser um país com estas características e que estivesse perto da Índia, para poder haver a presença de Nachiketa Mudaliar, o hindu, e perto da antiga Pérsia, por causa dos ‘Fragmentos Persas’, e onde houvesse trabalho infantil. Reunindo estas características todas, talvez o Paquistão seja o melhor candidato, mas podia ser outro. Como não conheço o Paquistão, acabei por fazer uma amálgama de características de outros sítios em latitudes próximas e onde já estive.

Os ‘Fragmentos Persas’ que encerram o livro são uma invenção tua, e uma invenção que se torna essencial em certas passagens do romance. Por que é que escolheste apresentar essas ideias num conjunto de máximas, sentenças e mandamentos espirituais e não inseridas no texto?

Sobretudo por uma questão estética e de estrutura. Há coisas que se dizem nos ‘Fragmentos Persas’ e que só funcionam assim, porque se fossem ditas fora desse contexto de um livro supostamente escrito no século VII ou VIII e de que só sobreviveu uma

parte do texto, pareceriam uma espécie de discurso de autoajuda, algo que eu não queria. Há coisas que merecem ser ditas e que precisam de ser ditas, mas que podem parecer pirosas num determinado contexto, deixando de o ser noutro.

Não é a primeira vez que inventas livros ou textos supostamente escritos por outras pessoas, igualmente inventadas por ti, e por vezes incluis esses textos em mais do que um livro, como acontece com estes ‘Fragmentos Persas’, que já surgiam em livros como a Enciclopédia da Estória Universal. Esse gesto de construir mundos, ou um mundo complexo e fragmentário, a partir de textos fundadores, num certo sentido, interessa-te enquanto projeto literário?

Sim, interessa-me ir encadeando estas histórias e ir mexendo nelas à medida que avançam, cruzando-as sempre que possível. A ideia é que as histórias funcionem independentemente umas das outras, mas que possam ganhar uma força e uma riqueza maiores se forem lidas em conjunto, unindo os seus vários pontos.

Isso faz de ti uma espécie de construtor de tapetes.

Se calhar, sim. O processo é o mesmo.

A close-up portrait of a man with dark skin and long, dark braids. He is wearing a light-colored headband and a dark, textured shirt. He is smiling broadly, showing his teeth. The background is a plain, light-colored wall with soft shadows.

ondjaki

Prémio Saramago 2013

Os transparentes estão em toda a parte

Sara Figueiredo Costa

fotografia Editorial Caminho

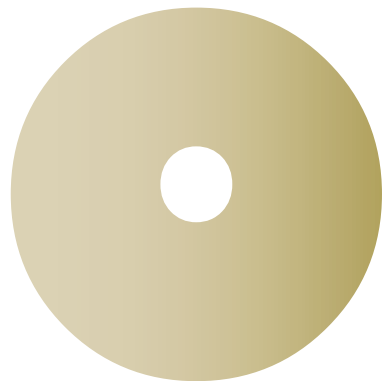
A edição de 2013 do Prémio Literário José Saramago, atribuído desde 1999 pela Fundação Círculo de Leitores a livros de autores em língua portuguesa com idade não superior a 35 anos, distinguiu o escritor angolano Ondjaki pelo romance *Os Transparentes* (Caminho). Nascido em Luanda, em 1977, Ondjaki tem obra repartida pela poesia e pela prosa, com algumas incursões nos livros infantojuvenis, e igualmente no cinema, com o documentário *Oxalá Cresçam Pitangas*, co-realizado com Kiluanje Liberdade.

No dia do anúncio do prémio, com a sala da Fundação José Saramago cheia de gente que aguardava para saber quem seria o próximo premiado, Ondjaki surgiu com aquela calma que esconde algum nervosismo e agradeceu a distinção, dedicando-a a Angola e aos angolanos e lembrando outros escritores que são referências literárias para o seu trabalho, mas também afetivas e identitárias. Na conversa que se seguiu, com a *Blimunda*, o autor insistiu no agradecimento coletivo: «Desde o momento em que me comunicaram que era vencedor deste prémio, senti que era uma honra, mas logo pensei que o prémio não era só meu, e por isso referi os nomes de tantos escritores. E depois, há Angola, porque nós somos de um lugar. A minha escrita e aquilo que eu sou tem tudo a ver com a formação que eu recebi lá, e por isso falei nas minhas

professoras de português, que foram essenciais, e nos escritores que são as minhas referências. Fico muito satisfeito por terem-me dado uma coisa que eu posso dar a Angola ao dizer que este prémio é dos angolanos.»

Numa Luanda que podia ser Babel, tantas são as histórias, as visões e os caminhos que se cruzam em sobreposição de falas e gestos, um prédio assume-se como lugar central da narrativa, mesmo sabendo que numa cidade tão grande é difícil apontar um centro. Aí se cruzam personagens cujo quotidiano é marcado por dificuldades de vários tipos, desde a crónica falta de água (mitigada por um dos patamares do prédio, de onde jorra o precioso líquido como se de um rio se tratasse) até à crónica falta de dinheiro que lhes permita aceder aos bens essenciais. Não é um contexto de pobreza extrema, antes um modo de viver que se reconhece pobre, mas onde proliferam as estratégias, nem todas legais, para fazer chegar a comida à mesa e para, entre esse gesto de luta constante e as outras maleitas do dia a dia, assegurar que a vida não é apenas a sobrevivência, por mais que esta seja essencial. No conjunto das histórias de cada personagem e no modo como estas se cruzam na prosa de Ondjaki, o que assoma é um retrato da Luanda dos dias de hoje. «O prédio, tive de pensar um bocadinho nele, para perceber quem ia ser o quê. Não é possível ver e viver Luanda hoje como uma coisa organizadinha, linear, e quando as pessoas dizem que isto são uma data de histórias que se acumulam eu digo, sim, mas o *Oxalá Cresçam Pitangas* também era isso. Quem é quem?

Não interessa, porque quem está a falar é a cidade. Essa fragmentação, esse puzzle, é o que é Luanda. Não tenho a pretensão de que o livro explique grande coisa, porque Luanda é uma cidade muito complexa. Sempre digo isto e nem é coisa só minha: o Manuel Rui anda a fazer isso, assim como o Pepetela, o Agualusa... Andamos todos a tentar expor um bocadinho daquilo que entendemos, ou não, do que é a Luanda de hoje. De certa maneira, e isto eu acho que é bonito, a história de Angola está a ser escrita pela ficção e isto vai ter de ser levado em conta. Quem for ler Angola pela ficção sabe que tem ali elementos muito verídicos, mas tem de ter algum cuidado, porque isto não deixa de ser ficção. Isso só aumenta o labirinto, e talvez o interesse.»



s transparentes que dão título ao romance são, então, aquelas pessoas que nem sempre se veem e cuja existência precisa de um olhar diferente daquele que o poder costuma assumir para ser notada. São, nas palavras duras de um dos personagens do livro, os pobres: *não somos transparentes por não comer...*

nós somos transparentes porque somos pobres, diz Odonato, recusando a ideia de se sentir a desaparecer por causa da escassez de alimentos e da magreza. «Esta ideia dos transparentes nasce de uma observação e – não digo isto para desculpabilizar o meu país –

não é só em Angola. Eu vejo estes transparentes todos os dias em algum lugar do mundo, na Palestina, nos bairros mais pobres do Brasil ou da Colômbia, na periferia de Luanda, em Portugal. São pessoas que são convocadas em determinados momentos políticos e depois são dispensadas na maioria do tempo. Mas estas pessoas são a maioria nas cidades e isto não tem apenas a ver com os pobres, apesar da frase do Odonato, porque há transparentes nas classes médias, só que têm a vida mais bem governada do que os outros. Não sei se falar deles é uma missão, mas acho que foi algo que se foi acumulando em mim. Este livro começa a ser imaginado há muitos anos, em 2001, e só o escrevo em 2009, por isso tive muitos anos para considerar se era uma ideia de brincadeira ou se era algo que valia a pena pegar. Acho que não sei ao certo quem são os transparentes e também escrevi para perceber quem são aqueles que eu penso que sejam os transparentes. Ainda não sei.»



s vozes dos personagens e a história de cada um deles cruzam-se em *Os Transparentes* até formarem um retrato coletivo da cidade, um modo de olhá-la e entender-lhe as esquinas, pelo menos até onde é possível entender, já que as situações aparentemente absurdas parecem ser o alimento diário de quem tem pouco com que ali-

**«não somos
transparentes
por não comer...
nós somos trans-
parentes porque
somos pobres»**

mentar-se. Num certo café da cidade, há uma arca frigorífica que toda a gente garante estar ligada à eletricidade desde o dia da independência. Há um homem que se apresenta como coronel e em toda a parte parece ser levado a sério. E há, absurdo maior, um governo que decide cancelar um eclipse solar para honrar o funeral de uma falecida recente, a senhora Ideologia. Quando se pergunta ao escritor se não estaremos, já, no domínio do fantástico, a resposta é clara: «Acho que há muita gente que pensa que se o MPLA quiser, cancela um eclipse. Com tudo o que isto pode implicar. E foi por isso que trabalhei essa ideia. Claro que o partido no poder é o MPLA, mas às vezes também estou a falar do poder em si, e não neste em particular. O poder é uma coisa esquisita e não há a mínima dúvida de que corrompe. Até desconfio que se deus existe e é realmente poderoso, então já foi corrompido.» E a senhora Ideologia, morreu mesmo ou estará de boa saúde? «O que acontece no livro com o assumir, por parte do governo, da morte de uma senhora chamada Ideologia, o destaque que se dá e o facto de terem decretado três dias de luto, anulando o eclipse, é justamente aquilo que não aconteceu em Angola. Ou seja, o que não aconteceu foi assinalar-se, mas a ideologia morreu em Angola, algures no fim dos anos 80, ninguém deu conta, ninguém avisou e o funeral foi discreto. Nem sequer me estou a referir ao marxismo-leninismo ou, como lhe chamávamos, ao socialismo esquemático, estou a dizer que era preciso avisar as pessoas da mudança de direção do ponto de vista de quem manda. Na casa de cada um, cada um

sabe, mas a nível do governo do país, houve ali uma altura em que o procedimento político se esvaziou completamente de orientação ideológica, portanto a ideologia morreu. Era isto que eu queria assinalar no livro. A senhora morreu, mas ninguém perguntou quem a iria substituir.»

Dedicando o prémio a Angola, Ondjaki expressou claramente a sua vontade de mais justiça e maior capacidade de diálogo e debate no país que o viu nascer. Falou, também, de algo que parece elementar, mas que surge como condução para as atitudes de algumas personagens deste livro: a capacidade de ter dúvidas. Afinal, em que é que se concretizam estes desejos de um escritor relativamente ao seu país de origem? «Primeiro, nessa capacidade de discutir abertamente as coisas políticas. Estamos com um problema em Angola, que eu creio que também é um problema africano, e depois mundial, que é este: já é possível falar-se sobre quase tudo, o que ainda não acontece é haver quem escute o que todo o mundo está a falar. Escutar é agir, por isso falo de escutar para depois mudar. Falar, pode falar, pode dizer o que quiser do presidente, deste, daquele e do outro, mas o que é que acontece do ponto de vista prático depois de se dizer certo tipo de coisa? Quase nada. Portanto, desejo uma maior abertura, uma

maior capacidade de debate. Depois, desejava que a reconstrução nacional passasse a dar prioridade a outras coisas que não só as estradas, as pontes, as escolas, os hospitais e os prédios, que eu entendo que sejam precisos, mas isso é uma reconstrução material e é preciso dar a mesma prioridade à reconstrução imaterial, à cultura, às artes, às línguas nacionais e ao seu espaço. Isto parece tão óbvio, mas oxalá que assim fosse. Tanto me faz que esteja o MPLA, a FNLA ou a UNITA no poder, desde que respeitem mais os direitos humanos dos cidadãos. Chega de causar tanto sofrimento às pessoas por falta de água, de luz, num país com tantos rios e barragens. Acredito que estejam a tentar, e nunca disse que não se está a fazer nada em Angola, mas acho, como cidadão, que tem de se fazer mais.»

De regresso ao que recebeu dos outros, escritores e não só, e sobretudo daqueles a quem chama «os meus mais velhos», Ondjaki fala na herança de memórias, saberes e afetos, matéria essencial para a sua escrita e para a sua vida: «Felizmente, tenho na minha bagagem, ou na minha algibeira, como dizia o Tio Joaquim, mais velhos de vários campos. Alguns são mestres de sabedoria sem terem nada a ver com a escrita, como um pescador. Tenho a minha família e os mais velhos de outras famílias, e tenho

os meus mais velhos literários, de quem falo sempre abertamente, como Luís Bernardo Honwana, Manuel Rui, Luandino Vieira, Ana Paula Tavares, Ruy Duarte de Carvalho e tantos outros. Tudo isto, eu acho que faz uma pessoa. Hoje falei neles porque era um dia importante para mim e tinha de trazer para as minhas palavras aquilo que me é importante, então trouxe aqueles que me dizem e me falam afetivamente. Como essa frase que eu lembrei, 'a caneta é a arma do pioneiro', que estava escrita nos nossos cadernos da escola, porque o que eu trouxe aqui são pedaços de coisas que eu sei que sou. E hoje, aqui, como era um dia intenso, com muitas pessoas a olharem, tinha de trazer essas coisas para me defender, porque eu não ando sozinho e não podia vir aqui sozinho receber este prémio. A herança é aquela que recebemos, mas também a que escolhemos. E a herança define muito o futuro.» O de Ondjaki, tudo indica, continuará a passar pela escrita.

**Para um bom
imaginário,**

**meia-viagem
basta...**

66. SAN SEBASTIAN
Llegada del Transbordador de Ulia a la Estacio

Jeronimo Pizarro

para um bom imaginário, meia-viagem basta...!

OooooOoooo (som de comboio)

Num conhecido poema, publicado em vida, Fernando Pessoa remata assim o seu texto: «Sentir? Sinta quem lê!» (*Presença*, n.º 38, Abril de 1933, p. 7). Se trocarmos esse verbo por um outro, o verso talvez pudesse ser este: «Viajar? Viaje quem lê!». Afinal, como terá dito Álvaro de Campos – o poema não traz atribuição de autoria, embora esta pareça certa – «a melhor maneira de viajar é sentir». Cito o sugestivo fragmento lírico em que o afirma:

Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir.
Sentir tudo de todas as maneiras.
Sentir tudo excessivamente,
Porque todas as cousas são, em verdade, excessivas
E toda a realidade² é um excesso, uma violencia,
Uma allucinação extraordinariamente nitida
Que vivemos todos em commum com a furia das almas,
O centro para onde tendem as estranhas forças centrífugas
Que são as psyches humanas no seu accôrdo de sentidos.
Quanto mais eu sinta, quanto mais eu sinta como varias
 pessoas,
Quanto mais personalidades eu tiver,
Quanto mais intensamente, estridentemente as tiver,

Quanto mais simultaneamente sentir com todas ellas,
Quanto mais unificadamente diverso, dispersadamente attento,
Estiver, sentir, viver, fôr,³
Mais possuirei a existencia total do universo,
Mais completo serei pelo espaço inteiro fôra,
Mais analogo serei a Deus, seja elle quem fôr,
Porque, seja elle quem fôr, com certeza que é Tudo,
E fôra d'Elle ha só Elle, e Tudo para Elle é pouco.

Cada alma é uma escada para Deus,
Cada alma é um corredor-Universo para Deus,
Cada alma é um rio correndo por margens de Externo
Para Deus e em Deus com um sussurro soturno.

(Pessoa, 1990, p. 263; cota 69-44r-v)

De modo a possuir «a existencia total do universo», Pessoa propõe que se sinta e que se sinta «como varias pessoas», sendo cada uma dessas pessoas um mundo e «um corredor-Universo para Deus». Viajar, viajar fisicamente, foi algo que, de facto, lhe aconteceu – ir e voltar da África do Sul – e que simultaneamente cultivou como um sonho, um objetivo vago – ir viver para Inglaterra –, mas que, porém, nunca procurou ativamente, como uma forma de conhecer novos mundos e viver novas experiências. Até mesmo em Portugal, Pessoa terá viajado pouco e não sabemos se terá sequer visitado o

1. Apresentei a primeira versão deste texto em Matosinhos, a 24 de Maio de 2013, na conferência inaugural do festival *Lev – Literatura em Viagem*.

2. No original, por lapso, «relaidade».

3. Com um segmento riscado: «Estiver, viver, ser sentir, viver, fôr,».

para um bom imaginário, meia-viagem basta...

Porto, por exemplo. Enquanto Camilo Pessanha viajava entre a China e Portugal⁴, enquanto Mário de Sá-Carneiro sentia as «ân-sias» de Paris ou de Barcelona, enquanto António Ferro preparava a sua *Viagem à Volta das Ditaduras* – título de um conjunto de entrevistas publicado em 1927 –, Fernando Pessoa «viajava» ao Oriente através do opiómano Álvaro de Campos (cf. «Opiário»), «viajava» pela Europa pela mão de Sá-Carneiro, e «viajava» infinitamente no perímetro do seu próprio quarto, do seu escritório e da sua cidade, primeiramente sob a máscara de Vicente Guedes e, mais tarde, sob o nome de Bernardo Soares. Num dos textos mais fragmentários do *Livro do Desassossego*, o autor declara:

O Ganges passa também pela Rua dos Douradores. Todas as
épocas estão neste quarto estreito – a mistura
a sucessão multicolor das maneiras,
as distancias dos povos,
e a vasta variedade das nações
(Pessoa, 2013, p. 248; cota 1141-18v)

Sempre me impressionou essa frase: «O Ganges passa também pela Rua dos Douradores». Pessoa, que eu gostaria de ver fotografado em trajes exóticos, ou em fato-de-banho ou a caminhar sob a neve, nunca percorreu a planície do Ganges, nem os 2500 km de extensão desse rio indiano, mas nesta frase em jeito de haiku, faz o Ganges coincidir com a rua que ele próprio universalizou no *Livro do Desassossego*. Verdade ou não – e a verdade não interessa muito

em literatura –, o certo é que essa passagem aviva-nos a imaginação, e que podemos imaginar, por exemplo, que a rua é um rio, e que nas margens da rua dos Douradores, como nas margens do Ganges, também cresce e floresce uma civilização, embora a Lisboa seja mais urbana. Sentimos e viajamos. Lemos e viajamos, ainda que não abandonemos o nosso local de leitura. Sente quem lê. Viaja quem lê. Então, porquê viajar fisicamente se a própria literatura nos faz viajar, parece perguntar-nos, desafiando-nos, Pessoa? Porquê fazê-lo, se tanto viajamos peregrinando ou lendo a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, deambulando ou lendo as deambulações de Stephen Dedalus no *Ulisses* de James Joyce?



Antes de regressar a Fernando Pessoa e a este tipo de viajante mais sedentário, sempre no cais sem querer partir, sempre na estalagem sem querer prosseguir, gostaria de visitar um outro escritor português que admiro: Dinis Machado. Machado escreveu uma epopeia do Bairro Alto de Lisboa, tal como Joyce a de certos bairros de Dublin. Numa entrevista dirigida por Sara Belo Luís para a revista *Ler* (Outono de 2002), a jornalista questionou o escritor: «Que viagens é que fez?»; e esta foi a resposta do autor de *O Que Diz Molero*:

4. Veja-se uma notável fotografia de Camilo Pessanha em traje de mandarim – data do original: ca. 1894-1896 – no site da Biblioteca Nacional Digital: <http://purl.pt/14714>.

para um bom imaginário, meia-viagem basta...

Uma vez, perguntaram a Borges sobre a sua tarefa com a literatura. «A minha tarefa», disse ele, «não seria particularmente difícil, bastar-me-ia ser imortal para a realizar.»

para um bom imaginário, meia-viagem basta...

Não fiz quase viagens nenhuma. E as que fiz foram quase sempre relacionadas com o futebol. Fui uma vez a Londres, enquanto estava no *Diário Ilustrado*, cobrir um jogo entre as selecções militares de Portugal e Inglaterra. Também fui a Madrid, por causa de um Sporting-León, a Munique e a Barcelona, uma cidade fulgurante de cuja força me admirei. Mas eu sou sedentário, não gosto de viajar. As minhas viagens são todas como as de Céline, pela imaginação. Além disso, não preciso de ir aos sítios: tenho fotografias, relatos, romances, filmes, mapas... Tenho noção de como as coisas são, onde são e como funcionam. Sei, por exemplo, as ruas de Nova Iorque porque tenho a memória do cinema de Raoul Walsh e de Howard Hawks. Claro que, como os espólios não são completos, apenas percebo o que é possível perceber. Mas, afinal, tudo na vida é um bocado arbitrário e ninguém pode ter a biblioteca total para saber tudo. Uma vez, perguntaram a Borges sobre a sua tarefa com a literatura. «A minha tarefa», disse ele, «não seria particularmente difícil, bastar-me-ia ser imortal para a realizar.»

(in Luis, 2008, pp. 56-57)

Machado evoca sintomaticamente Borges, que em 1984, dois anos antes de morrer e já cego, publicou um livro intitulado *Atlas*, em cuja capa se vê, dentro de um balão, o autor argentino acompanhado por María Kodama. Mas Borges é celebrado menos por esse *Atlas* do que pelos livros que escreveu depois do seu regresso definitivo a Buenos Aires, donde viajou, como Dinis Machado,

através de «fotografias, relatos, romances, filmes, mapas...» e diversas enciclopédias. Franz Kafka, Jorge Luis Borges, Dinis Machado, Alexandre O'Neill e muitos outros escritores que conheceram o «modo funcionário de viver» (O'Neill, 2000, p. 52) e que não conseguiram, ou intimamente não desejaram, viver longe da Pátria, viajaram menos pela imensidão física do orbe, do que pela imaginação.



Contudo, o rapaz sobre o qual escreve Molero no seu relatório, em *O Que Diz Molero*, depois do retrato que este faz do artista quando jovem, anda e anda até encontrar a última fronteira, tal como vaticinara Sara, a cigana, um dia no Bairro Alto. Assim, no romance, o rapaz gasta três camelos a atravessar o deserto do Saara, dorme nos iglus dos esquimós durante os seis meses de noite do Pólo Norte, apaixonou-se por uma «negrita de ébano» (Machado, [1977] 2007, p. 141) na Patagónia, mata em defesa pessoal um crocodilo em África, caleja as mãos em Pequim e aprende a dizer «meu amor» em chinês, persegue búfalos num cavalo branco – oferta de três *cow-boys* numa pradaria do Texas –, reencontra um companheiro do Bairro Alto numa rua de Istambul acabando num bordel, aprende a dançar o tango em Buenos Aires – onde lhe falam de «um certo Jorge Luis Borges» (p. 145) –, segue para o Pacífico e lá parte cocos, perde-se no Mato Grosso e reaparece em Monte Carlo, passa a ser, entre muitas outras coisas, porteiro de boíte, actor de fotonove-

para um bom imaginário, meia-viagem basta...

las, colador de cartazes de rua, aprendiz de faquir, pedinte e dador de sangue, tem «a sua parte de acidentes de trânsito, terremotos, naufrágios e vulcões em erupção» (p. 150), e regressa finalmente ao Bairro Alto «numa certa noite de lua alta» (p. 151). É no final dessa circum-navegação, que o rapaz diz: «a terra inteira é este bairro e este sonho» (p. 152), tal como Bernardo Soares dissera: «Penso às vezes que nunca sahirei da Rua dos Douradores. E isto escripto então parece-me a eternidade» (Pessoa, 2013, p. 361; cota 2-67r).

Dinis Machado não era muito viajado, mas criou esta errante personagem que se transformou no «nómada dos nómadas» (Machado, 2007, p. 156); a sua vida foi discreta – *O Que Diz Molero* é um livro em que, no fundo, se descobre «a discreta e desprezada solidão dos velhos gatos pardos cheios de feridas» (p. 140) –, mas a prosa da sua obra-prima é tudo menos moderada, circumspecta ou recatada. Em *O Que Diz Molero* a palavra rompe diques, atravessa fronteiras, salta em jorro. No romance, as deambulações pelo espaço mais «real» (o Bairro Alto) conjugam-se com as viagens por espaços imaginários (todos os Continentes), e, em boa verdade, tal como na narrativa portuguesa contemporânea – nomeadamente depois do *Livro do Desassossego* –, o físico e o metafísico, o interior e o exterior, o individual e o coletivo entrelaçam-se e correspondem-se.



oltemos a Pessoa e aos seus desafios implícitos e provocatórios. No *Livro do Desassossego*, onde imagina uma «Viagem nunca feita» e uma «Viagem na cabeça», encontramos um trecho que começa assim:

Viajar? Para viajar basta existir. Vou de dia para dia, como de estação para estação, no comboio do meu corpo, ou do meu destino, debruçado sobre as ruas e as praças, sobre os gestos e os rostos, sempre eguaes e sempre diferentes, como, afinal, as paisagens são.

Se imagino, vejo. Que mais faço eu se viajo? Só a fraqueza extrema da imaginação justifica que se tenha que deslocar para sentir.

«Qualquer estrada, esta mesma estrada de Entepfuhl, te levará até ao fim do mundo». Mas o fim do mundo, desde que o mundo se consummou dando-lhe a volta, é o mesmo Entepfuhl de onde se partiu. Na realidade, o fim do mundo, como o principio, é o nosso conceito do mundo. É em nós que as paisagens teem paisagem. Porisso, se as imagino, as crio; se as crio, são; se são, vejo-as como ás outras. Para que viajar? Em Madrid, em Berlim, na Persia, na China, nos Polos ambos, onde estaria eu senão em mim mesmo, e no typo e genero das minhas sensações? A vida é o que fazemos d'ella. As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.

(Pessoa, 2013, p. 445; cota 2-51r)

para um bom imaginário, meia-viagem basta...

Poder-se-iam evocar muitos outros textos em que Pessoa questiona a pertinência do acto de viajar. Um outro muito célebre, comentado por Eduardo Lourenço, é aquele em que o poeta exclama: «Viajar! Perder paizes!» (Pessoa, 2004, p. 148; cota 118-24r). Então, «Para que viajar», se reiterarmos a pergunta tácita de Pessoa? A meu ver, porque o universo não cabe num livro, embora cada livro procure ser (e seja de facto) um microcosmos. Fernando Pessoa, Dinis Machado, António Lobo Antunes dão-nos a conhecer Lisboa, por exemplo, mas um revela-nos a Baixa, outro o Bairro Alto e outro Benfica. E se eu quisesse conhecer Madrid, Berlim, o que fora a Pérsia, a China e os Pólos ambos? Além disso, se eu já vivo, se eu já sinto, se eu já leio, porque não hei-de viajar também? Existir, como diz Pessoa, é já uma espécie de viagem, mas de cada um de nós depende o redimensionamento dessa viagem. Há viagens mais intensivas, como as de Pessoa; e viagens mais extensivas, como as de Fernão Mendes Pinto. E mesmo alguns viajantes frequentes, como Pablo Neruda, já foram chamados viajantes «imóveis» pelos seus biógrafos (Monegal, 1966), porque é possível viajar parado, quer a imobilidade seja física ou espiritual. Neste sentido, poderíamos afirmar, simplificando, que Pessoa não se move, mas viaja; enquanto Neruda viaja, mas não se move. Mas toda a viagem, quer de pendor estático, quer de pendor dinâmico altera o viajante, o transforma. E só uns poucos vivem muitas vidas numa vida...

Ora, mesmo que Pessoa tivesse viajado e não tivesse encontrado senão o que já era (cf. «O que vemos [é] o que somos»), eu confesso que teria gostado de conhecer um hipotético diário de Durban revisitado na década de 1920, ou de ler as impressões que uma hipotética viagem a Nova Iorque tivesse deixado em Álvaro de Campos. Eduardo Lourenço considera que talvez no imaginário de Pessoa «o desinteresse pelo acto de viajar e pela viagem fosse o resultado das múltiplas formas da inapetência vital que lhe caracterizou a infância»⁵. É possível. Eu tendo a crer que Pessoa experimentou a viagem de regresso a Portugal, em 1905, como uma imensa perda – para trás deixava a sua casa e a sua mãe –, tal como muitos «retornados» sentem o vazio do «retorno», e que, depois desse ano, Pessoa nunca quis deixar Lisboa, receando perder a cidade (ou perder-se a si próprio) depois de se ter habituado às ruas lisboetas. Mas teria, sem dúvida, sido fascinante se Pessoa tivesse viajado uns anos pelo mundo fora, como o rapaz de *O Que Diz Molero*, até encontrar a última fronteira, e que nos chegassem fotografias de Pessoa e dos seus heterónimos dentro de um balão ou sentados no dorso de um elefante. De facto, sempre que vejo as poucas fotografias existentes de Pessoa, imagino as que gostava-

5. Cf. «Viajar, perder países» [leia-se: «Viajar! Perder paizes!»] é um dos versos em que revela uma atitude completamente oposta à de Cesário Verde, para quem viajar significava ganhar países. Talvez que no imaginário de Pessoa o desinteresse pelo acto de viajar e pela viagem fosse o resultado das múltiplas formas da inapetência vital que lhe caracterizou a infância. Todo e qualquer esforço sério no sentido de se tornar outro ou diferente através de uma mera alteração de cenário se lhe afigurava uma perda do ser, aquilo que mais tarde exprimirá na imagem célebre do cansaço invencível que o impede de apanhar o eléctrico» (Lourenço, [1989] 2004, p. 149).

para um bom imaginário, meia-viagem basta...

ria de ver, isto é, as que me «faltam». Alguém terá ainda, um dia, de escrever o livro *As Viagens Nunca Feitas de Fernando Pessoa*, que talvez tenha já sido esboçado por Saramago, com *O Ano da Morte de Ricardo Reis*.

Numa crónica de *Viagens na Minha Era*, Onésimo Almeida escreve: «Não tenho saudades dos Açores porque não me recordo de ter de lá saído. Como já escrevi algures, não se regressa a de onde nunca se partiu» (Almeida, 2001, p. 160). Aí temos o «viajante imóvel», isto é, o viajante que viaja com a sua terra natal sempre dentro de si. Abro mais uma vez *Viva México* de Alexandra Lucas Coelho – que integra a coleção de literatura de viagens, dirigida por Carlos Vaz Marques na Tinta da China – e releio a constatação final: «[...] ao longo de três semanas a viajar pelo México, do deserto de Chihuahua à selva do Yucatán, vi como sou do Velho Mundo» (Coelho, 2010, p. 361). O México foi «desarmante» para a autora, mas também serviu, por contraste, para que reencontrasse a sua identidade. Até certo ponto, *Viva México* parece validar as palavras de Fernando Pessoa: «Na realidade, o fim do mundo, como o principio, é o nosso conceito do mundo».

«Para que viajar?», volto a perguntar. Gosto da resposta implícita que Carlos Vaz Marques nos dá, na contracapa de *Viva México*, citando Agostinho de Hipona: «O mundo é um imenso livro do qual aqueles que nunca saem de casa lêem apenas uma página».

Ao que um dos nossos viajantes «imóveis» poderia retorquir: se o mundo já é um livro, para quê sair dos livros, ou abandonar o sonho de cifrar toda a existência em livro? Para mim, *Viva México* é tanto uma série de crónicas, como uma bagagem de leituras, algumas das quais eu próprio já tinha lido: Roberto Bolaño, Frida Kahlo, J. M. G. Le Clézio, Malcolm Lowry, Carlos Monsiváis, Octavio Paz e Juan Rulfo, entre outros. E então pergunto-me – eu que vivi no México – porquê ir novamente a esse México que a autora relata? Talvez para poder senti-lo mais uma vez, mas então nesse caso alguma razão tinha Pessoa quando dizia: «Só a fraqueza extrema da imaginação justifica que se tenha que deslocar para sentir».

Penso que o motivo para viajar é outro. Viajar, para mim, é menos uma questão de sair ou não de casa – essa é uma questão mais temporal do que espacial, e sobretudo hoje em dia, com a internet –, é menos uma questão de viajar dentro ou fora de mim – essa é uma questão de carácter –, do que uma possibilidade de construir o meu próprio mundo e afinar a minha visão do Outro. E para construir esse mundo e afinar essa visão, necessitarei sempre de inúmeros livros, de ficção ou testemunho, e de inúmeras viagens, reais ou imaginárias. Daí que sinta intensamente, como Dinis Machado, a frase de Jorge Luis Borges: «A minha tarefa não seria particularmente difícil, bastar-me-ia ser imortal para a realizar».

Para um bom imaginário, meia-viagem basta...? «Quando se sente de mais, o Tejo é Atlântico sem numero, e Cacilhas, outro continente, ou até outro universo» (Pessoa, 2013, p. 445)? Com certeza. Mas para expandirmos o nosso mundo e as nossas fronteiri-

para um bom imaginário, meia-viagem basta...

ras, para termos mais pátrias do que uma e pensar em várias línguas, meia-viagem tende a não bastar, embora essa meia-viagem intensamente sentida permita intuir realidades maiores, «ou até outro universo».

Bibliografia

ALMEIDA, Onésimo Teotónio (2001). *Viagens na Minha Era (dia-crónicas)*. Lisboa: Temas & Debates.

COELHO, Alexandra Lucas (2010). *Viva México*. Lisboa: Tinta-da-china.

LOURENÇO, Eduardo ([1989] 2004). «Pessoa ou as três viagens», in *O Lugar do Anjo. Ensaios Pessoaanos*. Lisboa: Gradiva, pp. 147-160. Publicado inicialmente na Revista de Occidente, n.º 94, Março de 1989, pp. 27-42.

LUÍS, Sara Belo (2008), «Só quis escrever um livro» (entrevista a Dinis Machado, Outono de 2002), in revista *Ler*, Novembro, pp. 54-57.

MACHADO, Dinis ([1977] 2007). *O Que Diz Molero*. Ilustrações de António Jorge Gonçalves. Lisboa: Bertrand. 21.ª edição.

MONEGAL, Dinis (1966). *El viajero inmóvil: introducción a Pablo Neruda*. Buenos Aires: Losada.

PESSOA, Fernando (2013). *Livro do Desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Rio de Janeiro: Tinta-da-china.

____ (2004). *Poemas de Fernando Pessoa, 1931-1933*. Edição de Ivo Castro. Lisboa: INCM.

____ (1990). *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição de Cleonice Berardinelli. Lisboa: INCM.

____ (1933). «Isto», in *Presença – Folha de Arte e Crítica*, n.º 38, ano sétimo, volumen segundo, Abril de 1933, p. 7.



2152
Camillo Pessanha
em traje de mandarim,
retrato do início da
sua estada em Macau.



infantil e juvenil

SAR

130 anos

de 1913 a 2023

andrea brites

ANTONIO SERGIO



CONTOS GREGOS

ILUSTRAÇÕES DE D. RAQUEL GAMEIRO

J. BENSÂUDE, A. DE CAMPOS



O que canta o Pintassilgo

AQUILINO RIBEIRO



ROMANCE DA RAPOSA

ILUSTRAÇÕES DE BENJAMIN RABIER

CARLOS SELVAGEM



BONECOS FALANTES

ILUSTRAÇÕES DE MAMIA ROQUE GAMEIRO

CARLOS SELVAGEM



PAPAGAIO REAL

ILUSTRAÇÕES DE MAMIA ROQUE GAMEIRO

JAIME CORTESÃO



O ROMANCE DAS ILHAS ENCANTADAS

ILUSTRAÇÕES DE ROQUE GAMEIRO

S. Lázaro, uma história das Bibliotecas de Lisboa

«A inauguração desta biblioteca e a frequência das que já funcionam é, sem dúvida, o melhor sintoma de que obedecemos ao extraordinário movimento de transformação social por meio da instrução, que se nota em todos os países cultos. E, felizmente, meus senhores, que já entre os partidos liberais portugueses parece não existir divergência sobre as vantagens da boa educação, único elemento gerador de todas as felicidades e riquezas públicas.» (p.127)



quem assim fala é Feio Terenas, o primeiro bibliotecário da rede de Bibliotecas de Lisboa, no seu discurso de inauguração da Biblioteca Municipal de S. Lázaro em 1883.

Assinalando-se em 2013 os 130 anos desta Biblioteca, não a mais antiga mas a única que resistiu ao tempo, dedicou-se ali uma sessão a esta figura, discreta na história nacional, mas marcadamente progressista. A sua biografia (*Feio Terenas, O Idealista Convicto*, Regina Gouveia, Sandra Terenas, Fonte da Palavra), lançada na ocasião da sessão, dá ao leitor informações surpreendentes sobre o seu papel na conjuntura política da época (os últimos anos da monarquia e os primeiros da república) mas sobretudo sobre a sua visão profundamente republicana do

ensino e das bibliotecas públicas. É de pasmar imaginar que as três bibliotecas municipais que a câmara geria trabalhavam em rede, em finais do século XIX, significando isto que o catálogo, centralizado em S. Lázaro, correspondia ao fundo existente nos três espaços e que ali se poderiam proceder a requisições de títulos de uma das outras bibliotecas, podendo estes ser levantados lá ou ali.

A otimização de informação ajudava assim a que cada utilizador acesse a um maior número de títulos, a uma maior diversidade de informação, ciência e cultura e ainda que, por razões de geografia social não lhe fosse retirada a oportunidade de ler algo que à partida se destinaria a um outro tipo de público.

Outra marca de modernidade era a requisição domiciliária que também já se praticava à época em Lisboa, pela mão de Feio Terenas. A partir do registo das requisições, faziam-se estatísticas semanais que serviam de orientação para analisar tendências de leitura e consulta e distinguir horários mais movimentados.

Finalmente, o horário diurno e noturno – das 10h30 às 15h e das 19h às 21h – assegurava a frequência de públicos distintos, com interesses e profissões diversas. Em contraponto, hoje a ideia de rede parece, muitas vezes, uma aquisição recente e a eterna discussão acerca do horário acaba por conflitar com limitações de recursos humanos.

página 34: *Colecção Histórias e Historietas, Aillaud & Bertrand, 1924-26*



POR

VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

Versos de Laura Chaves - Ilustrações de Vasco Lopes de Mendonça



PAR
A.L. DE CARVALHO
ILUSTRAÇÕES DE MARIA F. CARNEIRO
EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE

BIBLIOTECA
DOS
PEQUENINOS

N.º 30

Gracielle Branco

BAZAR
DE
BRINQUEDOSILUSTRAÇÕES
DE
ALFREDO MORAES

EDIÇÃO
DA EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
SUCESSORA DA EMPRESA
DIÁRIO DE NOTÍCIAS

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS
NÚMERO DE HOMENAGEM

SANTO ANTONIO



com

MILAGREIRO

POR
ANÍBAL NAZARE
DESENHOS DE TOM

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS
N.º 10
JOSÉ DIAS SANCHO

EL-REI BÉBÉ

NOVELA INFANTIL

ILUSTRAÇÕES DE EMMERICO H. NUNES
EDIÇÃO DA EMPRESA DIÁRIO DE NOTÍCIAS

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS N.º 47



Herói de
palmo e meio

POR MIRIAM

ILUSTRAÇÕES DE CARLOS CARNEIRO
EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS
N.º 25TOCA A
BRINCAR!

JOGOS INFANTIS RECOLHIDOS
E COORDENADOS POR
LEONOR DE CAMPOS
ILUSTRAÇÕES DE
CARLOS CARNEIRO
EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS
CUSTÓDIA DE CARVALHO E MELO
N.º 45

BOLAS DE SABÃO

ILUSTRAÇÕES DE TIBERINO DOS SANTOS
EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE
SUCESSORA DA EMPRESA DIÁRIO DE NOTÍCIAS



Quando foi criada, a Biblioteca Municipal de S. Lázaro tinha a função de Biblioteca Central, como acontece no presente com a das Galveias. O seu salão nobre atual, uma sala forrada a estantes de madeira incrustadas nas paredes, do chão ao teto, acessíveis na parte superior por uma mezzanine servida por uma estreita escada em caracol, compunha a totalidade do espaço. Como apoio, apenas a sala de passagem que dava acesso à escola primária que ainda hoje partilha o edifício térreo, ali bem perto do Hospital de S. José e do Campo de Santana.

Nesse espaço, que hoje acolhe o maior fundo de livros infantis e juvenis editados em Portugal entre 1900 e 1979, «Memórias de Outras Infâncias», estava diariamente esta personagem, defensora da escola laica, do ensino cívico, do direito à leitura por todos, como revela claramente o seguinte excerto do seu discurso:

«São três as bibliotecas municipais já estabelecidas e, das duas que têm funcionado até hoje, muito tem de se aplaudir a cidade, porque a frequência de leitores, se não excede toda a expectativa, pode satisfazer os mais exigentes.

Há cinco meses que se abriu ao público a Biblioteca N.º 1, estabelecida na Rua do Paraíso. No primeiro dia ninguém concorreu a ela; no segundo dia concorreu apenas um leitor; no terceiro quarto e daí por diante a frequência aumentou progressivamente até à última semana, que foi frequentada

por 289 leitores, o que dá uma média de 48 por dia.

A maior parte destes leitores começaram por ler contos e romances, depois leram Júlio Verne e os nossos melhores poetas, hoje já alguns leem os autores de história e geografia, consultam os mapas e as esferas, e consultam avidamente livros sobre artes e ofícios. E a que classe da sociedade pertencem estes homens?

São na sua grande parte operários do Bairro de Alfama e do Arsenal do Exército, que vão passar à Biblioteca, estudando e lendo, as horas da sesta e as que podem aproveitar da noite. Cansados do corpo vão alimentar o espírito, e assim fogem dos lugares escusos, onde reina o vício e a desmoralização.

A frequência progressiva, que se tem notado na Biblioteca N.º 1, nota-se da mesma forma na Biblioteca N.º 2, estabelecida na rua de S. Domingos à Lapa. Esta biblioteca, aberta ao público há pouco mais de três meses, acusa na última semana uma frequência de 203 leitores ou uma média de 33 diariamente. A frequência desta biblioteca é, na sua grande maioria, de estudantes da escola normal e estudantes de escolas superiores, que ali vão preparar as suas lições e trabalhos escolares, para o que tem havido todo o cuidado em se lhes facilitarem os melhores expositores.

A frequência à Biblioteca Central é de esperar que corresponda aos desejos de todos os que se interessam pelo desenvolvimento da instrução, não só porque está cercada de escolas

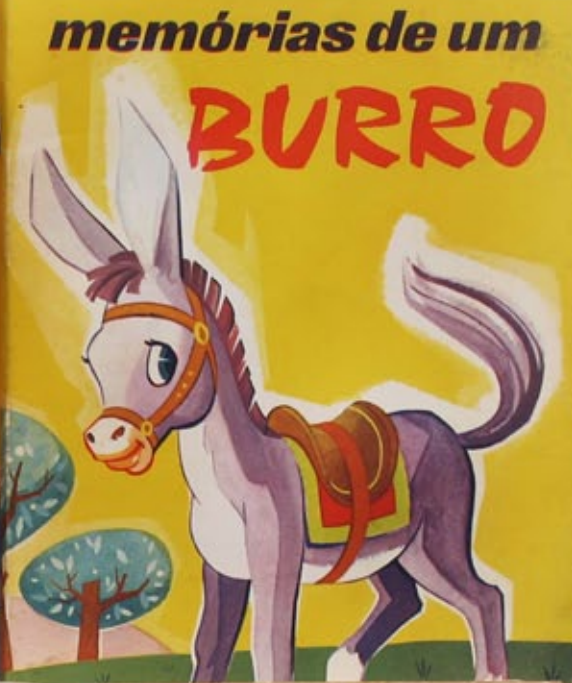
**HISTÓRIA DUMA
PRINCESA
MACACA**



**GATA
BORRALHEIRA**



memórias de um
BURRO



ARNALDO
e os gigantes



Alice
NO MUNDO DO ESPELHO



3s50

**O bailado
das fadas**



COLEÇÃO MANECAS

**a gatinha
encantada**



COLEÇÃO MANECAS

amorim

PINÓQUIO
JOGA A BOLA



COLEÇÃO MANECAS

superiores, mas porque julgo haver aqui elementos para se estudar, desde a arte e o ofício, aos mais recentes problemas científicos.»

Antes da sessão, Carla Almeida recebeu neste mesmo salão nobre, pela primeira vez para uma atividade, sete famílias, na sua maioria fiéis utilizadoras, para uma hora do conto muito especial. Precisamente para comemorar com pais e filhos esta data, a bibliotecária e animadora decidiu sentá-los ao longo do pentágono que formam as mesas de leitura da sala, e desafiou-os a ouvirem três histórias, todas tradicionais, todas antigas, da coleção «Memórias de Outras Infâncias». *Cara de Pau*, da coleção Histórias de Encantar, data de 1948. *O Chapelinho Vermelho*, da Verbo, data de 1969. Finalmente, a lengalenga com que fechou a sessão, *A História de Uma Formiga*, é uma edição de 1927.

Da previsão inicial de uma hora, a sessão estendeu-se mais vinte minutos e ninguém parecia incomodado. No final, Carla convidou os pais a escolherem livros da sala para levarem até à sala infantojuvenil (esta coleção não pode ser requisitada ao domicílio). Uma hora mais tarde, alguns pais ainda passeavam animadamente com os filhos, com livros na mão, entre salas.

São famílias fiéis, que marcam na agenda a atividade seguinte assim que acaba aquela a que vêm assistir. Alguns são da fre-

guesia, até de Lisboa, mas outros chegam de Sintra, Oeiras, Vila Franca de Xira, Odivelas.

As motivações podem ser diferentes, na origem. Uns veem para conhecer o espaço físico, por já terem ouvido falar. Outros viram informações no facebook e decidiram experimentar. Quem gosta, fica. É a maioria. Na lista de contactos da biblioteca constam cerca de 65 encarregados de educação, que recebem informação regular e atualizada da programação deste espaço, e de todas as outras bibliotecas da rede. Por isso acontece também haver pais que vêm a S. Lázaro para uma atividade específica, sendo utilizadores da Biblioteca das Galveias, ou da Orlando Ribeiro, em Telheiras. As escolas também acorrem a S. Lázaro, não apenas as que pertencem à antiga freguesia da Pena, mas um pouco por toda a cidade. O jardim de infância que habita o mesmo edifício, do lado oposto à EB1, vem todos os meses. É um privilégio que, todavia, deveria ser normal.

«Memórias de Outras Infâncias», um fundo de luxo

«Julgo ser esta uma biblioteca composta de livros modernos, obedecendo à melhor orientação, não escolhidos pelo bibliómano, que mais atende aos caprichos da bibliografia material, do que ao estudo da bibliografia literária, mas procurados cuidadosamente, com o auxílio de bons conselheiros e com a única aspiração de bem acertar.»

página 38: *Colecção Manecas, Romano Torres, 1943-1946*



Foi a primeira vez que uma atividade com famílias teve lugar no Salão Nobre, mas Carla assegura à *Blimunda* que a experiência será repetida. Apesar de ter as portas sempre abertas a qualquer utilizador ou visitante da Biblioteca, a equipa considera necessário dar-lhe mais visibilidade. Por isso, para além de eventuais horas do conto, está previsto que se comecem a fazer visitas guiadas à sala, percorrendo a história da edição para a infância ao longo das primeiras oito décadas do século XX, em Portugal.

Susana Silvestre, chefe de divisão de Bibliotecas da Câmara Municipal de Lisboa, afirma como um dos objetivos para esta Biblioteca a de servir também os utilizadores especializados, estudantes e profissionais do universo do livro infantil.

Mas ainda não é comum que as turmas que estudam educação de infância ou ensino básico do 1.º ciclo vão até lá, para conhecer obras fundamentais que provavelmente não encontrarão noutro local. Exceção feita aos alunos da Escola Superior de Educação Maria Ulrich. É por isso essencial trabalhar e divulgar o fundo. São sete mil e quinhentos títulos, na maioria encontrados dispersos e organizados no início do século XXI, como conta Susana Silvestre: «A coleção 'Memórias de Outras Infâncias' foi constituída em 2004 e 2005, quando se agrupou fisicamente e em catálogo o conjunto de livros infantojuvenis publicados em Portugal entre 1900 e 1979 que se encontravam dispersos pelos vários equi-

pamentos da rede e sem qualquer tratamento técnico (logo, não acessíveis em catálogo). Paralelamente, e ao longo dos anos, fomos recebendo ofertas várias por parte de particulares. Hoje em dia, a coleção reúne cerca de 7500 exemplares – e é a mais vasta coleção patrimonial infantojuvenil do país.

De fora da constituição da coleção ficaram os documentos em banda desenhada e publicações periódicas (encontram-se na Bedeteca e Hemeroteca, respetivamente) alocados nos equipamentos especializados da Rede. De igual modo, não foram integrados os manuais escolares dado que o Ministério da Educação e Ciência já possui uma coleção com essa documentação disponível ao público na sua biblioteca-museu.»



escolha de 1979 para fechar, temporariamente, a coleção é simbólica e pretende assinalar a data que a UNESCO designou como Ano Internacional da Criança.

Através dos livros, apenas de olhar, pressentem-se forças editoriais de uma determinada época, ou que público imaginavam os editores que compraria os seus títulos.

Coleções de dimensões muito reduzidas, como a das Histórias da Carochinha, normalmente com histórias tradicionais, eram pobremente produzidas e muito mais baratas que livros de capa

página 40: *Colecção Coelho Branco, Majora, 1948*

HISTÓRIAS
DE ANIMAIS
POR
Lília da Fonseca

O LIVRO DA NENÉ

HISTÓRIAS
DE ANIMAIS
POR
Lília da Fonseca

A VAQUINHA E O SC

HISTÓRIAS
DE
ANIMAIS
POR
Lília da Fonseca

O LIVRO DO MARIN

HISTÓRIAS
DE ANIMAIS
POR
Lília da Fonseca

O LIVRO DA LILI

HISTÓRIAS
DE
ANIMAIS
POR
Lília da Fonseca

O LIVRO DA STELINH

HISTÓRIAS
DE
ANIMAIS
POR
Lília da Fonseca

O LIVRO DA TERESINH

HISTÓRIAS
DE ANIMAIS
POR
Lília da Fonseca

O LIVRO DO ADELININ

HISTÓRIAS
DE ANIMAIS
POR
Lília da Fonseca

O LIVRO DO JAIMINHO

dura ou encadernados com mais qualidade. Podiam comprar-se em quiosques, sendo uma espécie de livros de cordel para crianças.

Já a Biblioteca das Raparigas e a Biblioteca dos Rapazes destinar-se-ia à formação leitora mas igualmente ideológica e moral de crianças e jovens com outro poder financeiro. Ali se encontram clássicos como a Condessa de Ségur ou Júlio Verne.

Merecem destaque muitos títulos, autores, coleções ou editoras: a Biblioteca dos Pequeninos, na década de 20, a coleção Mane-cas, da há muito desaparecida Casa Romano Torres, que se manteve ativa entre os anos 30 e 50 do século XX.

É impossível olhar para uma estante sem esbarrar em algo conhecido: *O Principezinho*, *Ivanhoe*, Mark Twain (o nome do autor maior do que o título), *A Galinha Verde*, Guerra Junqueiro, *O Poeta Faz-se aos Dez Anos*, *Emílio e os Detetives*, *Um Bom Diabrete*, Enid Blyton, *Anita*, António Torrado, Maria Alberta Menéres, Patrícia Joyce, Matilde Rosa Araújo.

A par das aventuras e das histórias morais, teatro, poesia, biografias, livros científicos. Muita história, mais ou menos romanceada, como agradava ao regime salazarista. E os ares da mudança a partir dos idos de sessenta, com novas estéticas a despontarem nas formas, nos traços, nas cores. Os jovens autores de então, são hoje

os nomes canónicos da LIJ portuguesa. Fazem-se acompanhar, claro, de muitos outros, escritores e ilustradores, que marcaram mais de metade do século XX. A coordenação científica da coleção ficou a cargo de Glória Bastos, professora e investigadora na área da literatura infantil e juvenil portuguesa.



emórias de Outras Infâncias» merece visitas, não uma, nem de médico. Merece ser tratada como a uma tia que nos conta histórias de encantar, e a quem visitamos, religiosamente, uma vez por semana, para tomar chá, como acontece nos livros antigos. Assim que

entramos na sala de madeira e vemos todas aquelas capas, não é difícil imaginar a tia, o chá e a conversa. Quando começamos a folhear, ouvem-se as vozes que ficaram ali registadas nos últimos 130 anos, do operário leitor ao estudante universitário, ao republicano, maçom ou carbonário; do fascista ao resistente, à professora de instrução primária, ao intelectual desiludido...

página 42: **Série Histórias de Animais, Coleção Carrocel, 1962-1964**

página 44: **Coleção Cor Infantil, Estúdios Cor, 1973**

texto de LUISA DUCLA SOARES
ilustrações de CATHERINE LABEY

Maria Papoila

cor  infantil



texto de LUISA DUCLA SOARES
ilustrações de INFANTE DO CARMO

O URSO E A FORMIGA

cor  infantil



texto de LUISA DUCLA SOARES
ilustrações de CATHERINE LABEY

O GATO E O RATO

cor  infantil



texto de LUISA DUCLA SOARES
ilustrações de ZÉ MANEL

O SOLDADO JOÃO

cor  infantil



texto de LUISA DUCLA SOARES
ilustrações de ZÉ MANEL

O RATINHO MARINHEIRO

cor  infantil



texto de LUISA DUCLA SOARES
ilustrações de LUÍS CORREIA

O DR. LAURO E O DINOSSAURO

cor  infantil



o primeiro Jeffers

*Ao ler **Como Apanhar Um Estrela**, depois de **Perdido e Achado**, **Presos**, **O Coração e a Garrafa** ou **Este Alce é Meu** (todos editados em Portugal pela Orfeu Negro), o leitor pode ficar com uma sensação mista de reconhecimento e desapontamento.*





Oliver Jeffers já deixou marcas mais surpreendentes, quer a nível narrativo, quer a nível visual. Mas se observarmos este álbum sem descurarmos um elemento essencial, a perspetiva transforma-se obrigatoriamente: *How to catch a star* foi o primeiro título do autor irlandês, em inícios de 2000.

Como álbum de estreia, ali se encontram todas as marcas programáticas e estéticas da obra do ilustrador. Até a personagem infantil de cara redonda, careca, de nariz pronunciado e estreitos braços e pernas (um pouco à imagem dos primeiros desenhos de figuras humanas que as crianças ensaiam algures pelos 3, 4 anos) é a mesma que depois continuará o seu percurso com o amigo pinguim.

A temática da amizade, que aqui se inicia com o menino que queria ter uma estrela como companhia e sonhava brincar com ela, ganhará diversos contornos, não apenas na sua relação antitética com a solidão, mas também como vestígio de uma presença (em *O Coração e a Garrafa*) que se perde, ou como uma instrumentalização do outro (em *Este Alce é Meu*). Os afetos, as contradições e a tenacidade são elementos basilares nas narrativas bastante simples de Oliver Jeffers. Em cada uma, o protagonista não desiste dos seus sonhos ou desejos, assumindo riscos, enfrentando medos, superando dúvidas, encontrando soluções para os desafios com que se depara. Essa determinação, de contornos geralmente oníricos, vai ao encontro de uma lógica de comportamento infantil que será o principal traço ideotemático deste autor. Não há nas suas histórias uma fronteira entre o imaginário e o real, pelo contrário Jeffers força esse apagamento quando o protagonista põe em prática todas as estratégias para concretizar um sonho. Os sonhos dos meninos ou até o do pinguim em *Sobe e Desce*, quando queria voar, não se podem considerar inusitados ou insólitos aos olhos dos mais novos: viagens no alto mar, alcançar as estrelas ou a lua, chegar ao Pólo Sul... Normalmente, as crianças perdem, nas suas brincadeiras, os limites espaciais e temporais. As dimensões alteram-se para que tudo seja alcançável e

qualquer esforço é superável. Também pesos e volumes deixam de ter medida: tudo cabe onde se deseja. É isso que Oliver Jeffers persegue nas suas histórias, representar sem mediador o comportamento infantil oferecendo-lhe sempre a possibilidade de continuar a sonhar. Contudo, sendo a infância o lugar privilegiado de construção e desenvolvimento de valores, o autor não descarta os grandes temas universais, especialmente os que se relacionam com os afetos e a necessidade que todos temos de estar com os outros, encontrar afinidades, partilhar.

A construção é linear, operando em quadros que se sucedem, sem interferências de acontecimentos paralelos, comentários ou reflexões. A ilustração suporta essa estrutura textual jogando com a dimensão de cada imagem, que pode ser pequena, coexistindo com outras na mesma página, dando a ideia de progressão, ou pelo contrário enchê-la num momento de destaque da ação ou de suspensão, enfatizando as emoções do protagonista.

Já aqui se denota esse recurso de composição, embora ainda prevaleça a página totalmente preenchida a acompanhar a progressão narrativa. A enumeração será o principal recurso retórico, que funciona muito bem nesta lógica de simplicidade, apelando diretamente às ferramentas discursivas das crianças.

A paleta de cores é, em *Como Apanhar uma Estrela*, muito próxima dos livros que se lhe seguem e as aguarelas dão textura aos fundos e suavidade aos tons, sejam eles claros ou escuros, como acontece com a capa azul pontilhada de estrelas brancas. As cores primárias sustentam grande parte do cromatismo do livro, que revela igualmente as suas fusões em verdes, laranjas e anis. Tudo obedece a uma simplicidade que, desconstruída, impressiona no rigor e na subtilidade. O Jeffers de *Este Alce é Meu* soa hoje muito mais desafiador e divertido, com as experiências visuais das pinturas a servir de pano de fundo à história e o sentido de humor dos diálogos. No entanto, sem a magia *naïf* de *Como Apanhar uma Estrela*, nunca lá chegaria-

mos. O final não deixa de antecipar alguma complexidade escondida: o menino que tanto deseja uma estrela consegue encontrá-la não no céu mas no mar. Esse desvio é sintomático dessa leitura que o autor faz do mundo: a narrativa não se fecha de forma previsível porque há outras soluções, que não aquela por que esperamos, tanto quanto que o parecido por vezes se torna idêntico. Será que o menino não distinguiu as duas estrelas? Será que não teve importância? Será que a estrela-do-mar superou em deslumbramento a estrela do céu? São perguntas de adultos que possivelmente não entram no pensamento das crianças. Entrando ou não, não entram seguramente no deste menino, e com essa insatisfação teremos de viver nós, que não conseguimos já alcançar um mundo irremediavelmente perdido.

Como Apanhar uma Estrela

Oliver Jeffers

Orfeu Negro



Novos desafios para as Bibliotecas Públicas

A Leitura Digital e a Transformação do Incentivo à Leitura e das Instituições do Livro» é um estudo que se prevê estar concluído em dezembro e foi parcialmente apresentado a 28 de outubro, na Fundação Calouste Gulbenkian. Um dos elementos avaliados no estudo tem sido o papel das Bibliotecas Públicas face ao aparecimento de novos suportes de leitura e dos livros digitais.

Carla Ganito, uma das investigadoras, alertou para o papel democratizador das Bibliotecas Públicas e enumerou os principais desafios que estas enfrentam: deverão responder aos seus leitores minimizando o acesso diferencial, apoiando a formação de competências digitais e oferecendo o acesso a novos suportes, a redes de conhecimento e informação e a novos conteúdos digitais.

Apesar de serem ainda inexpressivos os valores das requisições de livros digitais, a interpretação destes resultados não é linear e prende-se com o desconhecimento do utilizador, por um lado, acerca dessa possibilidade, e do comportamento que leva ao download, compra ou visualização desses conteúdos, que acontecem geralmente por impulso. Para isso, é necessário que o leitor esteja já a navegar na Internet.

Assim, o estudo propõe uma nova vida para as Bibliotecas, em que estas se transformem em centros agregadores e criativos, e que vão ao encontro das pessoas através de uma itinerância digital.

Esta apresentação decorreu no âmbito da Conferência Internacional de Educação 2013, organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian onde se discutiu a democracia e a leitura digital, com duas conferências de Jürgen Habermas e John Thompson.

Histórias no Pavilhão do Conhecimento

Na exposição «Era uma vez... Ciência para quem gosta de histórias», que inaugurou no Pavilhão do Conhecimento a 27 de outubro, 10 narrativas canónicas da literatura infantil servem de mote à experimentação científica.

Os três porquinhos, Pinóquio, Branca de Neve, Hansel e Gretel, João Pé de Feijão são apenas algumas das narrativas, que suscitam questões e experiências científicas e tecnológicas. Para verificar as mentiras de Pinóquio, por exemplo, foi criado um sistema de computação fisiológica, em colaboração com o Instituto de Telecomunicações do Instituto Superior Técnico, que funciona como detetor de mentiras e tem o sugestivo nome de «Mentir de Verdade».

Desenvolvido por uma equipa multidisciplinar, com colaboradores de áreas tão diversas como a física, a matemática, a geologia, a biologia ou a literatura, este projeto foi pensado pelo Pavilhão do Conhecimento, que vem oferecendo uma programação muito estimulante no que à ciência e tecnologia diz respeito.

Partindo de elementos mais ou menos centrais das histórias escolhidas, a exposição desafia o visitante a interagir com mecanismos ou vivenciar sensações da natureza. Esta interação entre as ciências físicas e humanas quer-se dinâmica e com sentido de humor, acolhendo todos os públicos, de qualquer idade, com ou sem necessidades especiais.

A exposição estará patente no Pavilhão do Conhecimento até agosto de 2014 e é um exemplo de como o diálogo entre os vários campos do saber não só é possível como promove ainda mais a curiosidade e o conhecimento.

Bibliotecas Escolares: estratégias para sete anos

Já está disponível para consulta, no site da RBE, o Programa Rede de Bibliotecas Escolares para o período de 2014-2020, com diretrizes sobre os grandes objetivos para a educação e o papel específico das Bibliotecas no contexto e espaço escolar.

Neste quadro estratégico, privilegiam-se três áreas fundacionais: a área dos recursos digitais e formativos, com vista ao apoio e ao incentivo de novas práticas pedagógicas e à formação de desenvolvimento de literacias de informação e digitais; a área da promoção da leitura como pilar da formação humana e do conhecimento; e a área de inclusão social e relação com a comunidade.

Ao longo das 29 páginas do documento, sistematizam-se as principais linhas de ação para cada um dos treze tópicos que constituem, no seu todo, os padrões de qualidade a atingir pela RBE ao longo dos próximos sete anos. Neles se referem, repetidamente, a necessidade de integrar a Biblioteca Escolar nos currículos, destacando a «articulação com outras estruturas do Ministério da Educação e Ciência». Igualmente, a «promoção de um diálogo institucional com os órgãos de gestão das escolas, com vista à melhoria do seu serviço educativo» e a «garantia de procedimentos institucionais que assegurem a afetação de recursos humanos qualificados às bibliotecas escolares» são aspetos essenciais para que estes espaços possam continuar e melhorar a sua intervenção social, cívica e pedagógica.

RBE ►

Para Leer el XXI, compromissos de leitura

Decorreu em Havana, Cuba, o XVIII Congresso Internacional Lectura 2013, Para Leer el XXI, organizado pela secção cubana do IBBY. Entre 22 e 26 de outubro, houve conferências, seminários, oficinas e a segunda edição do colóquio internacional sobre livros para bebés, crianças e jovens.

As Conversas Pé de Página deslocaram-se do Brasil a Cuba e ali apresentaram três seminários que visaram unir os países do continente americano em torno de reflexões comuns, como a política do livro, o comportamento dos leitores numa época de crise ou os livros sem idade.

De entre os conferencistas estrangeiros presentes, destacam-se Marina Colassanti, Eliana Pasáran Padilla, Geneviève Patte, Dolores Prades ou Yolanda Reyes. Na sessão de abertura, os discursos conjugaram-se num sentido universal do livro e da leitura, refletindo sobre a sua urgência hoje, num mundo globalizado e indiferenciado, como balão de oxigénio para a defesa de valores humanos e de uma ética social. Deram-se notas de combatividade na defesa da leitura através da sua promoção e ficou um forte alerta para o comportamento ausente de muitos adultos ao nível da mediação. Mais uma vez, reiterou-se a importância do acesso, sem catálogos limitativos, ao livro por leitores de todas as idades. O mote cumpriu-se na programação.

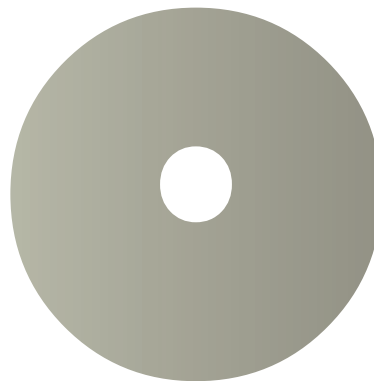
1913-1960



Descrente apaixonado

*Nasceu na Argélia em 1913. Morreu aos quarenta e sete anos num acidente de automóvel a caminho de Paris, três anos depois de ter recebido o Prémio Nobel da Literatura. O melhor testamento que nos deixou foi a sua obra literária, e o melhor legado a sua obra filosófica. Falo de Albert Camus, cuja vida e pensamento se caracterizam pela lucidez crítica, a revolta perante o sistema, o questionar das convenções sociais e a descrença apaixonada. Todos os seus livros são um exercício permanente de revolta, e muito especialmente *O mito de Sísifo* [Livros do Brasil, reedição em 2005] e *O homem rebelde* [Bertrand, reedição de 2003], duas obras de topo do pensamento rebelde do nosso tempo.*

● ser humano revoltado



que é um homem revoltado?», pergunta a si mesmo Albert Camus em *O homem revoltado*, para responder: «Uma pessoa que diz 'não'. Mas que, se nega, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde o seu primeiro movimento. Um escravo, que toda a vida recebeu ordens, de súbito considera inaceitável

uma nova imposição. Qual é o conteúdo desse 'não'? Significa, por exemplo, que 'as coisas duraram demasiado', 'até agora sim, a partir de agora não, 'vais longe de mais', e também 'há um limite que não ultrapassarás'. Em suma, esse 'não' afirma a existência de uma fronteira.» O movimento de revolta – prossegue Camus – «apoia-se na recusa categórica de uma intrusão julgada intolerável e na certeza confusa de um bom direito, mais exatamente a impressão, no revoltado, de que 'tem o direito de'. A revolta é acompanhada pela sensação de ter razão, de alguma forma e em algum lugar.» E efetivamente tem razão. O escravo revoltado diz ao mesmo tempo sim e não. Antes andava sob o chicote do amo; agora dá meia volta, muda de atitude e levanta-se. Contrapõe o que é preferível àquilo que não o é.

Camus reformula a dúvida metódica cartesiana, a primeira e única evidência e o «penso, logo existo» de Descartes, desta forma: «Grito que não acredito em nada e que tudo é absurdo, mas não posso duvidar do meu grito e preciso, pelo menos, de credi-

tar no meu protesto. A primeira e única evidência que me é dada, no interior da experiência absurda, é a revolta.» Uma revolta que nasce do espetáculo da desrazão, perante uma condição injusta e incompreensível. «Revolto-me, logo existimos».

A revolta não é um movimento egoísta; nasce da consciência da própria opressão e da opressão do outro. É um ato de solidariedade nascido da necessidade de lutar contra as grilhetas da escravidão. Por isso, o verdadeiro ato de revolta exige a identificação com a pessoa ou o coletivo oprimido e tomar partido por eles. A revolta é, assim, um ato de afirmação da dignidade comum do género humano. É «transbordar do ser», já que nasce da «paixão do homem pelo homem». «O motivo da mesma é o amor pela humanidade», assevera Camus. São três as características da revolta: a) é um ato de recusa radical, categórico; b) é uma reclamação – geralmente enérgica e por vezes violenta – de um direito, não o pedido de um favor ou a conquista de um privilégio; e c) não se trata de uma opinião; tem-se a consciência de ter razão.

A revolta não é possível no mundo do sagrado, já que não há aqui espaço para as dúvidas, as perguntas: todas são respostas definitivas, seguranças incólumes. Nesse espaço só há lugar para a ação de graças. A revolta só pode dar-se no âmbito do profano, aberto à integração, ao questionamento e à perplexidade.

Revolta ética, revolta metafísica e revolução



revolta conduz diretamente à revolução. Mas a ação revolucionária tem algum limite? Esse é o problema que se coloca em *Os justos*, onde duas concepções da revolução colidem dentro da Organização: a organicista de Stephen e a humanista de Kaliayev. O primeiro crê que a revolução não tem limites. A conquista de uma sociedade libertada do despotismo exige todo o tipo de sacrifícios. Por muito duro que seja, há que matar as crianças se a Organização o exige. Kaliayev, pelo contrário, pensa que assassinar inocentes é o limite que nunca pode nem deve ser ultrapassado. Uma revolução sem limites desemboca num novo despotismo.

Albert Camus é um dos intérpretes mais coerentes de Nietzsche e de Dostoiévski e um dos representantes mais autênticos do ateísmo moral, que não pode aceitar a existência de Deus precisamente devido à sua responsabilidade no sofrimento dos inocentes. O seu ateísmo não se move no terreno especulativo, mas torna-se uma revolta ética a partir da solidariedade com as vítimas. Relativiza a tal ponto a importância das provas filosóficas da existência de Deus que confessa, com sentido de humor e com realismo, que nunca «viu morrer ninguém pelo argumento ontológico» de Anselmo de Cantuária. E tem razão.

A sua revolta metafísica consiste na negação da teleologia do

ser humano e da criação. É uma revolta contra Deus, a quem desafia e pede contas pela injustiça que impera na sua criação, como fizera o lendário personagem bíblico Job. Creio que a revolta metafísica de Camus procede da tradição bíblica do Antigo Testamento e da sua conceção pessoal de Deus, mais do que da tradição grega. O revoltado metafísico não pede contas a uma divindade cósmica, mas a um Deus pessoal. É o Deus pessoal do Antigo Testamento, observa Camus, «quem mobiliza a energia subversiva». É Caim, mais do que Prometeu, quem desencadeia a revolta; são os descendentes de Caim, mais do que os seguidores de Prometeu, que ativam a revolta a todo o comprimento e largura da história.

Descrente apaixonado

Assim o qualifica Charles Moeller apoiando-se num texto do próprio Camus. É a definição que melhor reflete a sua vida, o seu pensamento e os seus sentimentos, de acordo com o seu testemunho de 1943 recolhido em 1949 em *Vie Intellectuelle*: «A descrença contemporânea não se apoia já na ciência como nos finais do século passado. Nega ao mesmo tempo a ciência e a religião. Não se trata já do ceticismo da razão perante o milagre: é uma descrença apaixonada.»

A sua descrença não é fanática nem inativa, mas antes uma mão estendida para os cristãos, como a do ateu dr. Rieux de *A Peste* diante do jesuíta Paneloux, sempre disposto a aliviar os sofri-

mentos humanos, independentemente do credo religioso que se professe, sempre pronto a trabalhar pela justiça e em defesa dos condenados da terra. Foi isso que disse na memorável conferência de 1946 na rua de La Tour-Maubourg, na qual pediu que «os cristãos falem, em voz alta e clara, e que afirmem a sua condenação de tal forma que jamais uma dúvida, uma dúvida que seja, possa surgir no coração do homem mais simples, tanto sobre o terror das ditaduras como sobre a condenação de um bispo jugoslavo, sobre o tratamento dos negros na América como sobre as deportações na Rússia. Que os cristãos participem em bloco contra o silêncio e não nos deixem sós no meio dos verdugos.»

Camus é um descrente preocupado com a salvação dos seres humanos que sofrem sem motivo nem fundamento e dos pobres que vivem no inferno da miséria. Uma descrença que não responde a nenhum encontro com o além mas antes ao apelo à solidariedade na terra. Por isso o intelectual argelino-francês, como assegura Charles Moeller interpretando com justeza a consciência solidária de Camus, «chegará sempre tarde aos encontros com Deus, porque haverá sempre demasiados carros atolados no caminho que é preciso remover». Mas pode coincidir nos encontros terrenos, como de facto coincidiu, com pessoas e coletivos crentes empenhados em construir um mundo melhor.

Trata-se, enfim, de uma crença que tem em comum com a fé cristã a mística da felicidade e a crença no valor libertador da morte dos justos. É essa a mensagem de *Os justos*: «Não chorem – diz Dora aos seus companheiros da Organização, depois da execução de Kaliayev. Não, não, não chorem! Percebe-se que este é o dia da

justificação. Há algo que se eleva a esta hora, o nosso testemunho, de nós os revoltados: Yanek já não é um assassino.»

Jesus de Nazaré, despojado da sua condição divina

E Jesus de Nazaré? Apesar da descrença de Camus, o Nazareno não é uma pessoa alheia à sua vida e à sua reflexão. Pelo contrário: sente um profundo respeito por ele para além dos dogmas com que o cristianismo o desfigurou. «Não acredito na sua ressurreição – afirma Camus – mas não esconderei a emoção que sinto diante de Cristo e do seu ensinamento. Perante Ele e a sua história, não experimento se não respeito e veneração.» E contrapõe Jesus aos cristãos pouco exemplares e aos funcionários do sagrado, que primeiro o relegam para o porão e depois o metem no sótão, colocam-no na cruz e trepam por ela para que os vejam de longe, ainda que para isso tenham que pontapear o que está pregado na cruz. Agridem, julgam com severidade e matam em seu nome. Prescindem da generosidade e exercem a «caridade» Não perdoam a ninguém. Jesus, pelo contrário, fala suavemente com a adúltera e diz-lhe: «Eu tampouco te condeno». É verdade que há pessoas que amam Jesus desinteressadamente, incluindo entre os cristãos, «mas são poucos».

Camus reconhece a importância que tem para a humanidade o que aconteceu na Sexta-Feira Santa no Gólgota, porque nas trevas que pairavam naquela tarde, a divindade, abandonando os seus

tradicionais privilégios, viveu em toda a sua radicalidade e até ao fim a dúvida espantosa, o desespero e a angústia da morte. Para que Deus seja um ser humano, conclui o autor de *O homem revoltado*, «é necessário que desespere». Despojado da sua condição divina pela crítica racionalista, Jesus torna-se um ser humano que fracassa, assume a frustração e perde toda a dimensão redentora. E este Jesus frustrado «é mais um inocente que os representantes do Deus de Abraão executaram espetacularmente. O abismo que separa o amo dos escravos abre-se de novo e a revolta continua a gritar diante do rosto oculto de um deus ciumento.»

A felicidade é possível?

E tudo sofrimento na história humana? Não há momentos de felicidade? A felicidade é impossível? O ser humano tem de renunciar a ela? A resposta a estas perguntas a partir da vida e da obra de Camus não é fácil. Jacques Cormery, o herói do romance inacabado *O primeiro homem* [Bertrand, reedição em 2003], não consegue alcançar a felicidade. Mas o romance tem um momento feliz, a recordação da infância na calmaria do mar: «O mar estava doce, morno, o sol agora ligeiro sobre as cabeças molhadas, e a glória da luz enchia os corpos jovens de uma alegria que os fazia gritar sem parar. Reinavam sobre a vida e o mar, e recebiam e usavam sem medida o mais faustoso que o mundo pode dar, como senhores seguros das suas riquezas insubstituíveis.»

Camus não se contenta com o Sísifo que fracassa na sua tentativa de empurrar a pedra até ao alto da montanha. Vê esse homem voltar a descer em passo lento até ao tormento cujo fim não conhecerá. Mas esta é a hora da consciência. Em cada um dos instantes em que abandona o topo e se afunda lentamente nas tocas dos deuses, é superior ao seu destino e mais forte do que a sua pedra. O mito de Sísifo é trágico, certamente, mas é-o porque o seu protagonista tem consciência. A clarividência, que devia constituir o seu tormento, consoma ao mesmo tempo a sua vitória. Não há destino que não seja vencido pelo desprezo. Portanto, argumenta Camus, a descida que se faz por vezes com dor pode fazer-se também com alegria.

Sísifo está de novo no sopé da montanha e volta sempre a encontrar a sua carga. Mas há uma lição que ele ensina aos humanos: uma fidelidade superior que nega os deuses e levanta as pedras. O universo, a partir de agora sem amo, não lhe parece estéril nem fútil. Cada um dos grãos desta pedra, cada troço mineral desta montanha feita de escuridão, formam por si mesmos um mundo. O próprio esforço para chegar ao topo basta para preencher um coração de homem. E Camus termina: «Há que imaginar Sísifo feliz».

Camus não é um pensador pessimista e derrotado, nem uma pessoa fracassada e ressentida. É um ser humano em busca da felicidade, como ele próprio confessa: «Quando procuro o que em mim é fundamental, o que encontro é o gosto pela felicidade. Gosto profundamente dos seres humanos. Não sinto nenhum desprezo pela espécie. No centro da minha obra há um sol invencível. Parece-me que isto não representa um pensamento muito triste.»

No entanto, a felicidade não está ao alcance da mão, nem se atinge pelo mero facto de pensar nela ou desejá-la. Sabem-no bem as personagens de ficção de Camus, que se debatem entre a razão e a desrazão da existência, entre o amor pela vida e os riscos que se assumem pela liberdade do povo, entre o sentido que desejam e o sem-sentido que impera em redor.

Termino com a opinião de Olivier Todd sobre o autor de *O mito de Sísifo*: «Camus diagnosticou certos males da nossa época, refletiu as suas angústias, recusou as tentações totalitárias e a sua própria inclinação para o niilismo. Poderia ter caído no cinismo. Pensador e moralista, estava isolado nos ambientes franceses onde triunfava o marxismo bruto. Camus recusou o fanatismo, não o militantismo. Perseguiu-o a ideia de um Deus em que não podia acreditar.»

Este perfil pertence à obra de Juan José Tamayo
Cincuenta intelectuales para una conciencia crítica,
Fragmenta, Barcelona, 2013,
pág. 143-151



saramaguiana

MEMÓRIAS
LAURENTINAS

Para o José Saramago e a Pilar,
amigos e até meus parentes nas Letras e
nos lugares vividos.

Agustina Bessa Luís

12-12-1996

Para o José Saramago e a Pilar, amigos e até meus
parentes nas Letras e nos lugares vividos.

Agustina Bessa Luís

José Saramago costumava dizer que os livros deveriam trazer uma advertência na capa: este livro leva uma pessoa dentro. Fazia referência, claro está, ao autor daquela obra, porque também defendia que tudo é autobiografia. «A vida de cada um de nós a estamos contando em tudo quanto fazemos e dizemos, nos gestos, na maneira como nos sentamos, como andamos e olhamos, como viramos a cabeça ou apanhamos um objeto do chão», disse numa entrevista. Pois se cada livro contém uma pessoa, pode-se dizer que Saramago estava bastante (e bem) acompanhado no solitário ofício de escrever.

AUTO DOS DANADOS

Para o Zé Saramago,
meu Amigo, a admiração
e a minha estima
do

Antonio Lobo Antunes

P.S.: É um beijinho secreto para
a Isabelinha...

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA
1983

Para o José Saramago, meu amigo, a admiração e
a minha estima do Antonio Lobo Antunes.
Ps: E um beijinho secreto para a Isabelinha...

*Na biblioteca que levantou em Lanzarote, nas Ilhas Canárias, onde viveu de 1993 até à sua morte, em 2010, tinha cerca de 15 mil livros espalhados pelos 100 metros quadrados de construção, dos quais alguns repousam agora na Casa dos Bicos, em Lisboa. Dessas milhares de pessoas guardadas dentro dos volumes da biblioteca, centenas eram conhecidas do escritor, e muitas deixaram gravadas nos livros palavras de carinho ao Nobel português. A **Blimunda** vasculhou o acervo de Saramago em busca de dedicatórias deixadas por importantes figuras da literatura, das quais apresentamos uma primeira seleção.*

LAS AVENTURAS DEL CAPITÁN ALATRISTE

EL ORO DEL REY

A José Saramago
(alias "Saramago el portugués")
agradeciéndole por
acompañar a Alatríst
a esta aventura.

Tu amigo, siempre

Arturo

16-11-00

A José Saramago (alias "Saramago el portugués")
agradeciéndole por acompañar a Alatríst en esta aventura.
Tu amigo, siempre,

Arturo Pérez-Reverte

Pilar e Saramago,

com muito carinho por
vocês, dedico estas palavras
pessoais e gerais. É um
retrato distorcido mas sincero
da minha geração.

Caetano

CAETANO VELOSO

VERDADE TROPICAL

1ª reimpressão

COMPANHIA DAS LETRAS

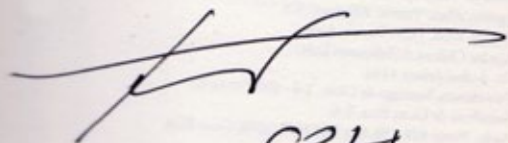
Pilar e Saramago, com muito carinho por vocês, dedico estas
palavras pessoais e gerais. É um retrato distorcido
mas sincero da minha geração.

Caetano Veloso

Carlos Fuentes

Inquieta compañía

A José y Pilar,
archipiélago de
amistad en mundo

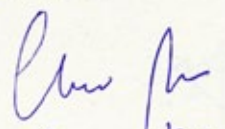

cy.

ALEAGUARA

Para José y Pilar,
archipiélago de amistad (...)

Carlos Fuentes

Budapeste

Para
José Saramago
e Pilar,
com o carinho de

18 set. 03

Para José Saramago e Pilar,
com o carinho de

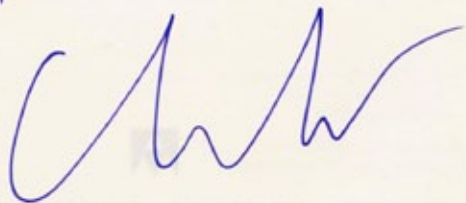
Chico Buarque

Claudio Magris

Microcosmos

Traducción de L. A. González Sáenz

A Pilar e a José,
co kati affetto, ammirazione,
amicizia e "affinità"
elettiva"



EDITORIAL ANAGRAMA
BARCELONA

A Pilar e a José (...)

Claudio Magris

la
creación literaria



de Helena J
Celmar

Eduardo Galeano

A José e Pilar, queridos amigos,
 em Coimbra, da lá ao 2.º andar
 da vossa casa sob o signo do Relâmpago,
 com o duplo e afetuoso abraço de um
 admirador,

Eduardo

Lettera 2.ª. Junho de 1984



gradiva

A José e a Pilar, queridos amigos (...)

Eduardo Lourenço

A José Saramago,
 esta afetuosa
 lembrança de seu
 amigo certo e
 sempre admirador

Fernando Sabino
 Lisboa 30.5.84

A José Saramago, esta afetuosa lembrança de um amigo
 certo e sempre admirador

Fernando Sabino

CIEN AÑOS DE SOLEDAD

Para José Saramago
y Pilar, de obio
que escribe; con todo
el cariño,

04

DIANA
EDITORIAL DIANA
MEXICO

**Para José Saramago e Pilar, de otro que escribe;
con todo el cariño**

Gabriel Garcia Márquez

Es cuento largo

Herrn Joli Samuys
dein Gruss von
Lili

Maßstab am 4. Nov. 97

(...)

Gunter Grass

La sonrisa etrusca

Para Pilar
y José Saramago,
en recuerdo de su
hospitalidad lanzaroteña,
con la amistad que saben
y un abrazo de
José Luis

v-98



Para Pilar y José Saramago, en recuerdo de su
hospitalidad lanzaroteña, con la amistad que sa-
ben y un abrazo de

Jose Luis Sampedro

TIERRA FIRME

PESAR TODO

Para Pilar y José,
con un abrazo fuerte
para que les dure
siempre

Juan

México, D.F./2002

Para Pilar y José,
con un abrazo fuerte para que les dure siempre

Juan Gelman

Qué buenas estrellas estarán cubriendo los cielos de Lanzarote?

José Saramago, *Cuadernos de Lanzarote*

A Casa José Saramago

Abierto de lunes a sábado de 10,00 a 14,00 h.

Última visita a las 13,30 h.

(Open from monday to saturday, from 10 to 14 h.

Last entrance at 13.30 h.)

Tías-Lanzarote – Islas Canarias (Canary Islands)

www.acasajosesaramago.com



**18 A 29
NOV**

100 AÑOS DEL NACIMIENTO DE ALBERT CAMUS

O Ministério de la Cultura de la Ciudad de Buenos Aires assinala o centenário do nascimento de Albert Camus com uma programação marcada por seminários, debates teatro e exposições. Vários locais, Buenos Aires.

Camus ►



**28 A 30
NOV**

3º CONGRESSO INTERNACIONAL FERNANDO PESSOA

Congresso organizado pela Casa Fernando Pessoa e dedicado à obra pessoana, com a participação de académicos de diferentes áreas disciplinares e especialistas na obra do autor.

Teatro Aberto, Lisboa.

Pessoa ►



**ATÉ
8 DEZ**

WORLD PRESS PHOTO 2013

Exposição de trabalhos da imprensa mundial que se destacaram no âmbito do fotojornalismo ao longo do último ano. CCCB (Centre de Cultura Contemporània), Barcelona.

Photo ►



13 DEZ CUARTETO DE URUEÑA: TRÊS CULTURAS, TRÊS MÚSICAS

Música medieval da Península Ibérica, com as suas raízes judaica, cristã e muçulmana, no âmbito do programa Mostra Espanha 2013. Teatro Gil Vicente, Coimbra.

Urueña ►



ATÉ 15 DEZ I BIENAL DE TEATRO DA USP

A Universidade de São Paulo traz à sua I Bienal de Teatro uma série de espectáculos produzidos em diferentes pontos do Brasil e do mundo, com companhias vindas da Tunísia, Líbano, Argentina ou Croácia. TUSP, São Paulo.

Teatro ►

Macbeth, Tunísia



ATÉ 26 DEZ A NOITE, DE JOSÉ SARAMAGO

O primeiro texto de teatro escrito por José Saramago, em 1979, levado à cena com adaptação de Paulo Sousa Costa e encenação de José Carlos Garcia. Teatro da Trindade, Lisboa.

Saramago ►



ATÉ 4 JAN LAURENT IMPEDUGLIA. DRAWINGS AND PRINTS

Exposição de desenhos, ilustrações e trabalhos impressos do artista belga Laurent Impeduglia. Galeria Dama Aflita, Porto.

Impeduglia ►



ATÉ 12 JAN EL SURREA- LISMO Y EL SUEÑO

Exposição colectiva com trabalhos de André Breton, Salvador Dalí, Paul Delvaux, Yves Tanguy, Renée Magritte e Max Ernst, entre outros artistas que atravessaram o movimento surrealista. Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid.

Surrealismo ►



ATÉ 9 FEV EL PASADO REVELADO: LA MALETA MEXICANA

Exposição a partir do conteúdo das caixas cheias que guardaram durante anos, e de modo incógnito, as fotografias que Robert Capa, Gerda Taro e David Seymour registaram durante a Guerra Civil de Espanha. Museo Antiguo Colegio de San Ildefonso, Ciudad de Mexico.

Maleta ►



ATÉ 9 FEV AHLAM SHIBLI, PHANTOM HOME

Exposição do fotógrafo palestiano Ahlam Shibli reflectindo sobre a ideia de lar e respectivas contingências em diferentes contextos políticos e sociais. Fundação de Serralves, Porto.

Shibli ►



**DIA
DA LIVRARIA
E DO
LIVREIRO
30 NOV 2013**

**ENTRE O LIVRO E A LEITURA
ESTOU EU, O LIVREIRO.
O ESCRITOR PUBLICA
A ESCRITA, O EDITOR
PUBLICA O LIVRO,
O LIVREIRO PUBLICA
A LEITURA.**

**MANUEL MEDEIROS/
RESENDES VENTURA**

**ORGANIZAÇÃO:
FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO/
ENCONTRO-LIVREIRO
diadalivrariaedolivreiro.wordpress.com**

Diretor

Sérgio Machado Letria

Edição e redação

Andreia Brites

Sara Figueiredo Costa

Design e paginação

Jorge Silva/Silvadesigners

FUNDAÇÃO

JOSÉ SARAMAGO

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

<http://www.josesaramago.org>

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados
são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação
podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença
Creative Commons

